



Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja



Casa Publicadora Brasileira
- BIBLIOTECA -
TATUI

**Uma resposta
para os críticos**

**Segredos do
apelo eficaz**

**Causa mortis de Jesus,
segundo a medicina**

A igreja do futuro

**Deus transforma obstáculos em
oportunidades para o Seu povo**



Nikolaus Satelmajer

Editor de Ministry

Ponto de referência

Algum tempo atrás, um amigo piloto e eu estávamos voando em um pequeno avião, sobre os campos nevados de Nova Iorque. A certa altura, meu amigo perguntou se eu gostaria de assumir o controle do voo, e eu imediatamente aceitei. Sempre fui impressionado pela arte de pilotar. Confiantemente, assumi o controle e levantei o nariz do avião, porque me parecia que ele estava perdendo altura. Com muito tato, meu amigo me orientou para olhar os instrumentos e pude perceber que acontecia justamente o contrário.

Prestar atenção ao ponto de referência – os instrumentos – é indispensável na arte de pilotar. Os instrumentos informam o piloto sobre altitude, direção, velocidade e muitos outros detalhes necessários à segurança do voo.

Pontos de referência são vitais em toda área da vida. Antes do surgimento da navegação por satélite, os marinheiros dependiam de estrelas e faróis como ponto de referência. Sem essa ajuda para mapear a direção e o curso da navegação, os navios podiam sair da rota e se perder em alto mar.

Se marcadores de limites ou pontos de referência são tão vitais em todos os aspectos da vida secular, quão mais importantes são eles nas áreas que afetam nosso destino eterno. Ultimamente, tenho sido lembrado de um desses pontos de referência. A poucos passos do meu escritório, está o Instituto de Pesquisa Bíblica da nossa igreja. Todas as vezes em que tenho de passar em frente a ele, sou confrontado com este ponto de referência: uma enorme Bíblia aberta, exposta em uma belíssima caixa. É uma edição de 1770 da Bíblia Alemã, traduzida por Martinho Lutero, e que se encontra aberta no primeiro capítulo do livro de Jó. Às vezes, paro e leio alguns versos, embora ela não tenha sido escrita no alemão moderno. Sem importar a linguagem, ela me recorda um ponto de referência vital, sem o qual minha vida seria uma jornada caótica, sem direção nem significado.

Como cristão adventista do sétimo dia e pastor, tenho na Bíblia meu maior ponto de referência, pois ela é a Palavra de Deus, diz-me quem e o que eu sou. Ela me revela como posso ser salvo e provê a orientação mais confiável para minha jornada terrestre em direção à vida futura. Como Paulo escreveu, “toda a Escritura é inspirada por Deus é útil para o ensino, para a repreensão, para


a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra” (II Tim. 3:16 e 17).

Como Jesus, ninguém exemplificou a importância da Palavra de Deus como ponto de referência na vida. No início de Seu ministério, quando o tentador quis induzi-Lo a escolher outro caminho estranho ao que Lhe fora ordenado pelo Pai, Cristo contrariou e frustrou o enganador com esta poderosa resposta: “Está escrito” (Mat. 4:3-10).

Podemos considerar ainda o evento em Nazaré, quando Ele recorreu às Escrituras para definir Sua missão. Com frequência, nos referimos a Lucas 4:16-30 como exemplo de observância do sábado e, de fato, é assim. Porém, Jesus também diz, nesse texto, que Sua missão é cumprir a palavra divina profetizada por Isaías. A narrativa de Lucas mostra quão natural era para Jesus tomar o pergaminho – a Palavra de Seu Pai – e ler. Ele “achou o lugar onde estava escrito”. Depois de ler a passagem, “devolveu-o ao assistente e sentou-Se”. Tudo pareceu muito natural “e todos na sinagoga tinham os olhos fitos nEle”. Se apenas estivessem focalizados na Palavra, certamente não ficariam furiosos em relação a Jesus. Sempre que falharmos em focalizar a Palavra, nosso último ponto de referência, nós experimentaremos algum desastre.

“Se falharmos em focalizar a Palavra, nós experimentaremos algum desastre”

A Bíblia não é apenas um ponto de referência; mas é um ponto de referência positivo. Deus a utiliza para reformar nossa vida e a vida da igreja. A História testemunha que, sempre que o povo de Deus focaliza a Palavra, ocorre uma reforma. Josias encontrou o livro, e o povo retornou a Deus (II Reis 22:23). Quem teriam sido Martinho Lutero, João Calvino, Knox, ou os irmãos Wesley sem a Palavra de Deus? Em nossa própria história, por quantos desvios teológicos nós enveredaríamos se não estivessemos focalizados na Palavra de Deus? Sempre que alguns poucos são tentados a seguir tais desvios, a Palavra de Deus provê o ponto de referência que os traz de volta ao lugar de onde nunca deveriam ter-se afastado.

Nossa jornada espiritual somente será vitoriosa, se a Palavra de Deus for nosso ponto de referência. Se nos colocarmos sob a direção do Espírito Santo, Deus revelará Suas palavras de vida para nós. Isso é o que Ele promete. 



Nada a temer

Em seu livro *Uma Igreja Mundial*, o teólogo adventista George R. Knight estabelece uma analogia entre o ciclo da vida humana e o curso da existência de uma organização religiosa, incluindo aí a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Como sabemos, o ciclo da vida começa na infância, passa para a adolescência, juventude e alcança a meia-idade. Então, chega-se à velhice com suas naturais limitações e, finalmente, a morte.

Essa é a trajetória percorrida pelas igrejas, e “o adventismo”, diz Knight, “não escapou dessa dinâmica. Passou pela infância entre 1844 e 1863 e pela adolescência entre 1863 e 1901. Por volta de 1901 alcançou, em termos sociológicos, o estágio de eficiência máxima. Infelizmente, os estágios além desse nível não são mais agradáveis para igrejas do que são para indivíduos...”

“As boas-novas são que, diferentemente das pessoas, cujo ciclo vital é biologicamente condicionado, as organizações sociais não precisam passar necessariamente pelas fases degenerativas do ciclo. A alternativa é o constante reavivamento e reforma. Para uma igreja, esses recursos significam duas coisas: (1) manter sua missão sempre em vista, e (2) ter sempre boa vontade em reestruturar e reformar seus organismos e instituições, conservando assim a funcionalidade dessas organizações em cumprir a missão da igreja”.

Ao longo dos aproximadamente 143 anos de sua organização, a Igreja Adventista do Sétimo Dia já enfrentou muitas dificuldades, próprias de qualquer organismo em

processo de maturidade e crescimento, e venceu-as submissa à vontade e direção de Deus. Tendo adentrado ao século 21, ela tem diante de si desafios característicos de um mundo em constantes e rápidas mudanças em todos os aspectos da vida e que acabam afetando a sua marcha. Alguns desses desafios são detalhados na entrevista, e outros são mencionados na matéria do Pastor Jan Paulsen (A igreja do futuro), ambas nesta edição.

Nenhum desafio ou ameaça, porém, é suficientemente forte para fazer-nos temer o amanhã ou colocar em dúvida a vitória final do Remanescente. À semelhança das colunas de nuvem e de fogo por ocasião do êxodo israelita, o Senhor continua guiando Sua igreja para cumprimento de Seus propósitos de salvação e estabelecimento de Seu reino.

A igreja milita sob a garantia de que “saiu vencendo e para vencer” (Apoc. 6:2); e de que “as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mat. 16:18). Assim, podemos encarar todo desafio com a atitude descrita nas palavras de Ellen White: “Passando em revista a nossa história, percorrendo todos os passos de nosso progresso até ao estado atual, posso dizer: ‘Louvado seja Deus!’ Quando vejo o que Deus tem executado, encho-me de admiração por Cristo, e de confiança nEle como dirigente. Nada temos que recear quanto ao futuro, a menos que esqueçamos a maneira em que o Senhor nos tem guiado.” – *Vida e Ensinos*, pág. 204.

Zinaldo A. Santos

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Ano 78 – Número 02 – Março/Abril 2007
Periódico Bimestral

Editor: Zinaldo A. Santos
Assistente de Redação: Lenice F. Santos
Revisoras: Josiéli Nóbrega e Rosemara Santos

Chefe de Arte: Marcelo de Souza
Projeto Gráfico: Alexandre G. Streicher; Marcos S. Santos
Programador Visual: Marcos S. Santos; Alexandre Rocha
Capa: Alexandre Rocha

Colaboradores Especiais:
Alejandro Bullón; Ranieri B. Sales;
James Cress; Nikolaus Satelmajer

Colaboradores:
Acílio Alves Filho; Abner Tello Panduro;
Eugenio Jará Morán; Francisco C. Bussons;
Graciliano M. Filho; Ivanaudo B. Oliveira;
José S. da Silva Jr.; Moisés Rivero;
Patrício B. Alfaro; Roberto Gullón;
Valdílho Quadrado

Diretor Geral: José Carlos de Lima
Diretor Financeiro: Antonio Oliveira Tostes
Redator-Chefe: Rubens S. Lessa

Visite o nosso site:
www.cpb.com.br
Serviço de Atendimento Direto: sac@cpb.com.br

Redação: ministerio@cpb.com.br
Ministério na Internet:
www.dsa.org.br/revistaministerio
www.dsa.org.br/revistaeministerio

Todo artigo, ou correspondência, para a revista *Ministério* deve ser enviado para o seguinte endereço:
Caixa Postal 2600 – 70279-970
Brasília, DF

Tiragem: 5.400 exemplares
5880/16990

Assinatura: R\$ 44,00
Exemplar Avulso: R\$ 9,20
Norte – Assinatura: R\$ 49,80
Exemplar: R\$ 10,38



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Editora dos *Adventistas do Sétimo Dia*
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34
18270-970 – Tatui, SP



Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, sem prévia autorização escrita do autor e da Editora.

10 MOBILIZANDO A IGREJA PARA O SERVIÇO

Idéias para alcançar comunidades carentes.

12 UMA RESPOSTA PARA OS CRÍTICOS

No trato com oponentes, indiferença e vingança não são as melhores reações.

15 LIÇÕES DE UMA EMERGÊNCIA

A visita hospitalar é uma fonte de aprendizado.

17 A IGREJA DO FUTURO

“Nada temos a recear quanto ao futuro, a menos que esqueçamos a maneira em que o Senhor nos tem guiado.”

21 PRIORIDADE NÚMERO UM

Orientações para manter a segurança da família pastoral.

23 CAUSA MORTIS DE JESUS

Reflexão sobre a morte de Cristo, segundo o ponto de vista médico.

26 SEGREDOS DO APELO EFICAZ

Os princípios mais efetivos em levar pessoas à decisão por Jesus Cristo.

30 TAMBÉM JÁ FUI VICIADO

Alerta contra uma dependência sutil que ameaça o pastor.

pág. 17



Crédito: Alexandre Rocha

Seções

2 SALA PASTORAL

3 EDITORIAL

5 ENTREVISTA

8 AFAM

32 MURAL

34 RECURSOS

35 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

“O Salvador Jesus Cristo deve ser inequivocamente identificado e compreendido como nosso Guia no futuro. Nenhum resquício de adventismo que não tenha Jesus como seu centro, reconhecível e afirmado, deve ter espaço dentro de nossa comunidade.”

Jan Paulsen

Guardiões da teologia

“A igreja está firme em sua crença quanto ao que somos, qual é nossa mensagem e qual é nossa missão”

por Nikolaus Satelmajer e Willie Hucks II

O Instituto de Pesquisa Bíblica da Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia disponibiliza recursos teológicos para a igreja mundial, além de promover o estudo e prática da teologia e do estilo de vida adventista. Os editores da revista *Ministry*, Pastores Nikolaus Satelmajer e Willie E. Hucks II, entrevistaram o diretor do IPB, Dr. Ángel Manuel Rodríguez, e seus associados, Drs. Kwabena Donkor, Ekkehardt Mueller e Gerhard Pfandl.

A seguir, os principais pontos da entrevista, concedida na sede mundial da igreja.

Ministério: De que trata o Instituto de Pesquisa Bíblica da Associação Geral?

Pfandl: O Instituto de Pesquisa Bíblica foi estabelecido pela Comissão Diretiva da AG, em 1975, com o objetivo de prestar serviço à igreja. Suas raízes remontam à Comissão de Apoio à Literatura, criada em 1943, e à Comissão de Estudo Bíblico e Pesquisa, formada em 1952.

Rodríguez: O IPB fundamentalmente atua como centro de recursos sobre questões doutrinárias e teológicas para a igreja mundial. Isso envolve disponibilização de livros, artigos e outros materiais. A segunda função é promover a unidade teológica da igreja. A interação com teólogos denominacionais é mais dinâmica

e esperamos que, como resultado de nos ouvirmos mutuamente, sejamos capazes para fortalecer essa unidade.

Donkor: Há também um aspecto crítico para o que fazemos, ou seja, quando temos de olhar uma questão e perguntamos: “Como isso se enquadra com o que nós cremos?” Então nos deparamos com um aspecto construtivo, pois não ficamos apenas com o que temos, mas nos aprofundamos mais. E descobrimos uma nova dimensão da teologia. Isso nos leva a uma tarefa apolo-gética: esclarecer o que cremos, como Igreja, para que outros nos compreendam melhor.

Ministério: O IPB depende de muitos indivíduos ao redor do mundo. Como é feito esse trabalho?

Rodríguez: Somos quatro teólogos aqui no IPB, mas não pretendemos saber tudo. Por isso, há um grupo maior de teólogos e administradores (40 membros) que formam a Comissão do Instituto de Pesquisa Bíblica, que se reúne duas vezes por ano. Quando nos reunimos, analisamos as questões e obtemos direção para elas. Então, escrevemos artigos e produzimos outros materiais, que são publicados. Ouvimos muito cuidadosamente os conselhos da comissão, porque desejamos representar o pensamento da igreja mundial.



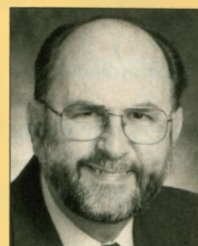
Rodríguez



Donkor



Mueller



Pfandl

Divulgação

Mueller: Mas também recorreremos a outros eruditos fora dessa comissão. No ano passado, em um congresso na Turquia, nos reunimos com teólogos, professores, administradores e editores. Além disso, também estamos envolvidos com o Instituto de Pesquisas em Geociência. Essa interação é muito recompensadora.

Rodríguez: É importante lembrar que não produzimos doutrinas. Trabalhamos com as posições adotadas pela Igreja em suas assembleias mundiais. Nossa responsabilidade é tomar o que ela considera verdade e tentar aprofundar sua compreensão. A Igreja, em sua compreensão das Escrituras, é quem define a doutrina.

Ministério: Ou, mais fundamentalmente, as Escrituras definem a doutrina e a Igreja a interpreta.

Rodríguez: Parece-me que, historicamente, temos mantido a posição de que o Espírito atua através da Igreja e cria um consenso de crença. Pode levar meses ou anos, mas o Espírito cria um consenso entre os crentes, e esse consenso se torna o modo de pensar e viver adventista. Uma assembleia mundial apenas reconhece o que o Espírito opera entre nós. Então, a Igreja aceita oficialmente o consenso criado por Ele.

Ministério: *Quais são algumas das questões teológicas enfrentadas pelo cristianismo hoje?*

Rodríguez: Talvez, a primeira seja o papel da Bíblia na teologia e na doutrina. Em muitos círculos, as Escrituras têm sido postas de lado.

“A criação em sete dias literais, o ministério sacerdotal de Cristo e o juízo pré-advento são parte do que somos”

Donkor: Acho que, sublinhando a idéia de pôr a Escritura de lado está a questão do papel do sobrenatural. Se alguém começa a questionar o sobrenatural, a primeira doutrina atingida é a de Deus. A compreensão de Deus afeta tudo o que alguém diz sobre qualquer coisa. Então, vemos surgir, entre alguns evangélicos, o teísmo aberto, apregoando que Deus não tem um relacionamento fixo com a realidade. Por exemplo: tem Deus predeterminado como a História findará? O teísmo aberto diz que não; ele é uma tentativa de minimizar o envolvimento de Deus e o sobrenatural na História.

Pfandl: Em outras palavras, o teísmo aberto sugere que Deus não é soberano, mas é parte da História. Que Ele não conhece o futuro em detalhes, mas apenas em linhas gerais.

Mueller: Parece haver maior ênfase no leitor que no autor original das Escrituras. O leitor se aproxima das Escrituras com espírito crítico e, como resultado, a historicidade dos eventos é descartada. Por exemplo, muitos teólogos rejeitam a ressurreição literal; portanto, não aceitam a historicidade da ressurreição de Cristo. Como isso afeta a fé? Bem, afeta minha percepção de Deus, da escatologia e a percepção de como eu deveria viver. Assim, se rejeitarmos o princípio histórico da autoridade das Escrituras, para onde iremos?

Rodríguez: Voltando aos problemas teológicos dos cristãos em geral, podemos observar a comunidade evangélica

na América do Norte e seu envolvimento direto na política. A situação levanta muitas questões a respeito do papel da Igreja e o Estado. Em que extensão deveria a Igreja usar o sistema secular para promover seus pontos de vista? Esse é um assunto importante para nós, por causa dos cenários proféticos e o papel que o mundo cristão desempenhará, em busca de apoio político a fim de promover sua causa.

Ministério: *E quanto ao debate teológico na Igreja Adventista?*

Pfandl: Alguns poucos estudiosos têm questionado determinados pontos. A interpretação das Escrituras é um deles. Que método utilizaremos? Como interpretar a profecia? Substituiremos o historicismo pelo futurismo ou preterismo? Também há questões relacionadas com a criação. Há outros problemas como a Trindade, que está sob duro ataque, e questões de salvação e como ela se relaciona com a cruz.

Donkor: A inspiração é um assunto significativo. Existe a tendência de enfatizar mais o aspecto humano do profeta, do escritor da Bíblia, e não enfatizar o aspecto divino. É a mesma idéia de minimizar o sobrenatural. Alguns até negam a autoridade de Deus, que falou e tudo se fez.

Rodríguez: Se você olhar as questões que estão sendo mais debatidas, verá que elas formam o coração do que nos torna igreja e define nossa identidade. A criação, por exemplo. Há alguma coisa mais ofensiva à mente científica do século 21 do que dizer que a criação foi realizada em sete dias? Em geral, isso é tido como insulto acadêmico, suicídio intelectual. E, lamentavelmente, pouquíssimos indivíduos estão se deixando envolver por essa idéia. Porém, quero esclarecer uma coisa: quando olhamos à igreja em geral, a maioria dos nossos teólogos no mundo está solidamente firmada no pensamento bíblico e denominacional. Reafirmamos que a criação em sete dias literais, o ministério sacerdotal de Cristo e o juízo pré-advento são parte do que somos. A igreja em todo o mundo está firme em sua crença quanto ao que somos, qual é nossa mensagem e qual é nossa missão. São poucos os que tentam atrair para a direção contrária.

Pfandl: Alguns teólogos têm dificuldades com respeito à segunda vinda de Cristo. Dizem acreditar nesse even-

to, mas, quando pressionados, acabam confessando que não sabem como ele acontecerá. A questão do remanescente também se tornou assunto de muito debate. O dom de profecia é outro. Então, temos a verdade do Santuário, que é especificamente adventista. Até o sábado tem sido colocado sob ataque. São verdades fundamentais que nos distinguem como igreja, e o inimigo lança mão de todo o seu arsenal para destruí-las. Ele utiliza estratégias externas e internas de ataque. A preservação dessas posições teológicas significa preservar nossa identidade e unidade. Esse é nosso dever.

Mueller: Quero mencionar outro assunto: no âmbito dos membros, há certo desinteresse no estudo diário da Bíblia. É o contato diário com as Escrituras que define o que cremos e que estilo de vida adotamos. Ele constrói nosso futuro sobre promessas divinas. A partir dele, o “assim diz o Senhor” governará nossas decisões. Negligenciar essa experiência pode ser fatal para toda a igreja.

Rodríguez: Essa é uma área na qual interagem os lados teológico e prático da vida cristã. O declínio no estudo das Escrituras realmente tem um impacto na vida da igreja. Esse é um assunto com o qual estamos verdadeiramente muito preocupados. Aliás, como líderes, em quaisquer instâncias, devemos estar vigilantes e prontos a advertir nossos irmãos quanto aos perigos envolvidos. É aqui que nosso dever pastoral deve ser posto acima de tudo. Afinal, são os pastores que interagem com os membros da igreja.

Donkor: Esse desinteresse gera também um desinteresse pela teologia na igreja local, o que dá lugar a um novo misticismo. Então, o que passa a ter importância não é a doutrina, mas um imediato sentimento de bem-estar e satisfação, que afeta os conceitos de louvor e pregação. Não estou dizendo que não deveríamos nos alegrar em nossa experiência de adoração. Porém, quando o culto não tem base ou conteúdo teológico, o crente entra em um terreno perigoso, em que o foco está no homem e não em Deus. E começa a pensar na adoração em termos de uma experiência interesseira, na base do “toma lá, dá cá”.

Ministério: *Como o pregador pode unir teologia e prática?*

Rodríguez: O pastor não pode trabalhar bem, sem interagir com a teolo-

gia. O fundamento da pregação é a Escritura. Quando um pregador prepara o sermão, deve gastar tempo com a Bíblia, captando nela a mensagem de Deus. No momento em que você começa a refletir sobre a Escritura, o que ela diz sobre Deus e para você, nessa interação, você está fazendo teologia. No início do meu ministério, eu me debruçava sobre os escritos de teólogos e os comparava com as Escrituras, tentando encontrar meu caminho. Muitos pastores fazem isso. Voltam-se para a Escritura, refletem sobre ela, usam seus recursos e vão ao púlpito, para torná-la significativa para a congregação. Acho que todos na igreja deviam fazer assim. Quando limitamos teologia à área acadêmica, estamos prejudicando a comunidade dos crentes. Teologia é o resultado da obra do Espírito na igreja, e isso inclui teólogos, pastores e membros. Os pastores estão entre os acadêmicos e a comunidade, devendo apresentar a teologia em termos compreensíveis e práticos.

Pfandl: Completei meus estudos teológicos em Avondale, Austrália. Naquele tempo, muitas coisas estavam acontecendo e o campo estava muito ativo teologicamente. Durante os primeiros sete anos do meu ministério pastoral, eu gastava as manhãs estudando no escritório, e as tardes e noites visitando as pessoas. Se o pastor não gastar tempo com o Senhor, com as Escrituras e com os livros, ele não terá nada para pregar.

Mueller: Pastoreei por aproximadamente 16 anos e sempre tentei ficar em casa pela manhã, dedicando tempo ao estudo, oração, e a alguns deveres administrativos. Sempre optei por pregar sermões expositivos, jamais preguei sobre um texto sem, antes, tê-lo traduzido e tornado prático para mim. Quero animar todo pastor a seguir os princípios de exegese e aplicar o texto à situação pretendida. Seu sermão terá uma autoridade bíblica definida.

Rodríguez: Eu entendo que os pastores têm muitas atividades. Apesar disso, eles precisam conservar-se bem informados sobre a teologia, porque tudo o que fazem está ligado a ela. O ministério é uma tarefa teológica. Os membros vão à igreja para aprender da Escritura, ouvir a Palavra proclamada. Isso coloca sobre o pastor um dever ético, e ele deve estar seguro de que as pessoas que o procuram em busca de compreensão escriturística, obtêm-na corretamente.

Ministério: Grande número de pastores em várias partes do mundo não tem preparo teológico. Isso não é curioso?

Mueller: Para mim, mais curioso ainda é que esses pastores podem se tornar líderes da igreja.

Ministério: Alguns historiadores dizem que, em geral, uma igreja experimenta três fases: inicialmente, ela é um movimento missionário. Porém, à medida que cresce, precisa de organização que, por sua vez, evolui para instituição. Então, a igreja fossiliza. A Igreja Adventista se enquadra nesse conceito?

“O ministério é uma tarefa teológica. Os membros vão à igreja para aprender da Escritura”

Rodríguez: Nunca fiz um estudo científico sobre esse fenômeno. Se a igreja deixar de crescer, será impossível deter o processo de definhamento do entusiasmo inicial. Desde que a igreja esteja cumprindo sua missão, ela se manterá viva e o espírito de expectativa permanecerá. Em lugares onde é verificada uma institucionalização muito forte, o crescimento da igreja parece lento. Porém, onde a igreja está envolvida ativamente na pregação do evangelho, com a segunda e terceira gerações de adventistas envolvidas na missão, a esperança está viva; e a igreja, longe da fossilização. Isso, a meu ver, acontece porque o Senhor colocou juntas a mensagem e a missão. Não é possível separar as duas coisas. Não podemos dizer: “temos uma mensagem, somos adventistas”, e nada fazer. A mensagem é conservada viva quando é partilhada, através do envolvimento de outros. Em minha opinião, provavelmente, isso é um dos dois elementos que preservam a igreja e seu primeiro amor até o fim.

Donkor: Acredito que, quanto mais nos tornarmos o povo da Bíblia, mais conservaremos o entusiasmo inicial.

Ministério: Como pastores ordenados, experientes, e diligentes eruditos, o que é que nutre a vida espiritual dos senhores?

Pfandl: Quando trabalhei na Austrália, o que me dava esperança era viajar pelas ilhas e ver um tipo de cristianismo primitivo, no qual as pessoas ainda não estavam contaminadas com a chamada “boa vida”. Ainda hoje, quanto viajo pelo mundo e vejo como certas pessoas lutam para viver sua fé, tenho esperança de que o adventismo permanecerá vivo.

Donkor: Faço minhas as palavras de Ellen White: “Passando em revista a nossa história, percorrendo todos os passos de nosso progresso até ao estado atual, posso dizer: ‘Louvado seja Deus!’ Quando vejo o que Deus tem executado, encho-me de admiração por Cristo, e de confiança nEle como dirigente. Nada temos que rezear quanto ao futuro, a menos que esqueçamos a maneira em que o Senhor nos tem guiado.” Como pastor no Canadá, eu realmente não tinha muito tempo para analisar questões teológicas, mas, desde que cheguei aqui ao IPB, tenho avaliado boa quantidade de material e fico maravilhado de como o Senhor tem guiado a igreja através do campo minado da teologia. Se Ele o fez no passado, não falhará no presente nem no futuro.

Mueller: Creio que Deus é o Senhor da igreja e creio que Ele fará com que ela alcance seu destino final. Ele sempre terá pessoas completamente consagradas a Ele e desejosas de servir. Lo onde quer que seus talentos sejam necessários. Posso ver o entusiasmo de nossos jovens, que se deixam guiar pelo Espírito Santo, amando a Deus e ministrando a outros. O que nutre minha vida espiritual é meu tempo devocional e meu andar diário com Jesus. Isso é importante para mim, porque é nEle que confio, e nEle espero.

Rodríguez: No âmbito pessoal, minha esperança está centralizada em Cristo, o que Ele fez por mim na cruz, Sua morte vicária por mim e, ligada a tudo isso, a consumação dessa esperança em Sua segunda vinda. Para mim, a segunda vinda é a bússola que constantemente me orienta. Com respeito à igreja, vejo, pela fé, os melhores anos como estando ainda à nossa frente. Não a vejo dirigindo-se ao colapso. Vejo-a marchando para a mais gloriosa consumação, em direção à sua mais gloriosa experiência. ❀

Tudo está pago

A carta a Filemom é uma parábola extraordinária do plano da redenção



Euri Santos Silva

Esposa de pastor,
trabalha na Associação
Brasil Central

AFAM

Bastante idoso, Paulo se encontrava preso em Roma. Foi aí que ele teve um encontro com outro prisioneiro, um jovem escravo que fugira da casa do seu senhor. Embora fosse cristão da igreja de Colossos, esse abastado senhor continuava com vários escravos ao seu dispor, para o trabalho pesado. Até então, o cristianismo ainda não havia rompido com o velho e odioso costume da escravatura.

Naquela época, uma lei estabelecia que um romano podia ter quantos escravos pudesse manter. Sem ter direito algum, esses escravos eram forçados ao trabalho e, muitas vezes, eram açoitados como animais. Caso tentassem escapar e fossem capturados, seu dono tinha o direito de castigá-los severamente e até matá-los. Ao senhor que cometesse crime, a lei ainda permitia oferecer o melhor escravo que possuísse, para responder e pagar por ele.

“Se um deles, por vingança ou autodefesa, levantasse a mão contra seu proprietário, toda a família do ofensor poderia ser cruelmente sacrificada. Ao mais leve erro, acidente ou descuido, eram muitas vezes punidos sem nenhuma misericórdia.” – *Atos dos Apóstolos*, pág. 459.

Para melhor compreendermos a carta de Paulo a Filemom, devemos ter esclarecidas as circunstâncias que levaram o apóstolo a escrevê-la. De acordo com o comentarista inglês Dotyer Nicolas, “a escravatura era considerada uma das maldições do Império romano e o abuso dessa prática foi um dos elementos a ocasionar a queda desse Império.” O historiador Gibbon afirma que metade da população do Império era composta de escravos. Mas, outros historiadores afirmam, com segurança, que a proporção chegava a 75% de escravos. Em função desses números, criavam-se as mais rigorosas leis para subjugar-los, no intuito de evitar que se rebelassem.

A lei romana dizia que o escravo era propriedade exclusiva de seu dono, sem qualquer direito. Sendo assim, a fuga era considerada crime de mor-

te. Para o escravo fugitivo, a lei oferecia somente uma esperança: encontrar alguém que intercedesse por ele junto ao dono, para que fosse aceito de volta e retomasse as atividades.

Tudo indica que, antes de sair de casa, o fugitivo de nossa história roubou algo valioso de seu senhor. Talvez jóias, ou roupas festivas; talvez moedas de ouro ou prata. Para o escravo que roubava e fugia, a fuga com roubo era considerada crime duplo, e a lei aplicada era a morte sem clemência. Foi nessa situação melindrosa que o fugitivo Onésimo foi encontrado por Paulo. O nome Onésimo tem um significado especial: “muito útil”.

Certamente, Filemom, proprietário e senhor, esperava que seu servo fosse muito útil, mas foi decepcionado. Agindo ao contrário do nome que recebera, Onésimo tornou-se escravo inútil. Fugindo para Roma e estando em meio à grande, luxuosa e movimentada metrópole, ele deve ter pensado que seu senhor jamais o encontraria. Imaginava-se em total segurança.

No Salmo 139:7-10, nos deparamos com a onipresença de Deus: “Para onde me ausentarei do Teu Espírito? E para onde fugirei da Tua face? Se subo aos céus, lá estás. Se faço a minha cama no mais profundo abismo, lá estás também. Se tomo as asas da alva e me detenho nos confins dos mares, ainda ali me haverá de guiar a Tua mão e a Tua destra me susterá.”

Muitas vezes, parecemos imaginar Deus como uma criança com quem se brinca de esconde-esconde. Se a mente humana com suas limitações consegue realizar um serviço de inteligência quase perfeito, que descobre culpados de maldosas façanhas e seus mais secretos refúgios, que diríamos dos olhos de Deus que alcançam as profundezas da alma? Filemom podia não saber onde encontrar seu servo fugitivo, mas Deus sabia. Lá estava Onésimo no infortúnio de uma fria, escura e úmida prisão romana – terreno fértil para que Paulo lançasse a semente do evangelho.

Ouvindo a pregação de Paulo, Onésimo sentiu o terror de seu pecado à luz da santidade de Deus. Sentiu-se triste, arrependeu-se e se alegrou na certeza do perdão divino. Tornou-se cristão sincero e desejou que sua vida, a partir dali, agradasse e glorificasse a Deus. Entretanto, algo martelava sua consciência: a dívida que tinha para com seu dono. Assim, planejou que, ao sair da prisão, voltaria para Colossos e para Filemom, a quem falaria de sua nova vida, seu arrependimento, e pediria perdão pelas faltas cometidas contra ele.

Acerto de contas

Onésimo não sabia o que aconteceria ao voltar para casa, mas, mesmo assim, queria pôr tudo em ordem e, se necessário fosse, estava disposto a morrer, contanto que tivesse sua vida ordenada segundo a vontade de Deus. Certamente, Onésimo expôs seu problema a Paulo, o que levou o apóstolo a escrever a Filemom. O próprio Onésimo deveria levar a carta.

O verso 18 e a primeira parte do verso 19 contêm uma mensagem muito especial: “E se algum dano te fez ou te deve alguma coisa, lança tudo em minha conta. Eu Paulo, do próprio punho, o escrevo: Eu pagarei.”

Pagar conta que não seja nossa é muito desagradável. Mas, é comum ouvirmos de pessoas que passaram por essa experiência. Por ingenuidade ou excesso de bondade, se tornaram avalistas de indivíduos que, por sua vez, não assumiram suas dívidas, deixando que os avalistas pagassem por eles. Isso, às vezes, é feito com muito sacrifício, mas é a política do bom caráter.

Paulo se deu por fiador de Onésimo, sem nenhuma objeção. Dispôs-se a pagar a dívida de um escravo aparentemente sem nenhum valor. Como verdadeiro cristão, Paulo conseguia ver além das aparências, e soube reconhecer naquele servo um ser valioso, razão pela qual ele foi enfático ao dizer: “E se algum dano te fez ou te deve alguma coisa, lança tudo em minha conta... Eu pagarei.” Paulo estava disposto a pagar o preço. O escravo, finalmente, podia descansar em seu ajudador e alegrar-se como homem livre, tendo sua dívida paga por uma mensagem escrita, um nome de peso e uma assinatura: Paulo, apóstolo.

Nossa pequenez

Somos os Onésimos da vida. Deus nos fez racionais, inteligentes, para que Lhe fôssemos úteis. Porém, falhamos em viver segundo a Sua vontade e, assim, seguimos desapontando nosso Criador. Ele nos liberta do pecado mas, muitas vezes, insistimos em voltar para a imunda prisão. Questionamos a liberdade plena que Ele nos oferece e optamos pela liberdade momentânea, fazendo o jogo do inimigo, que procura nos vitimar diante de uma visão ilusória da vida.

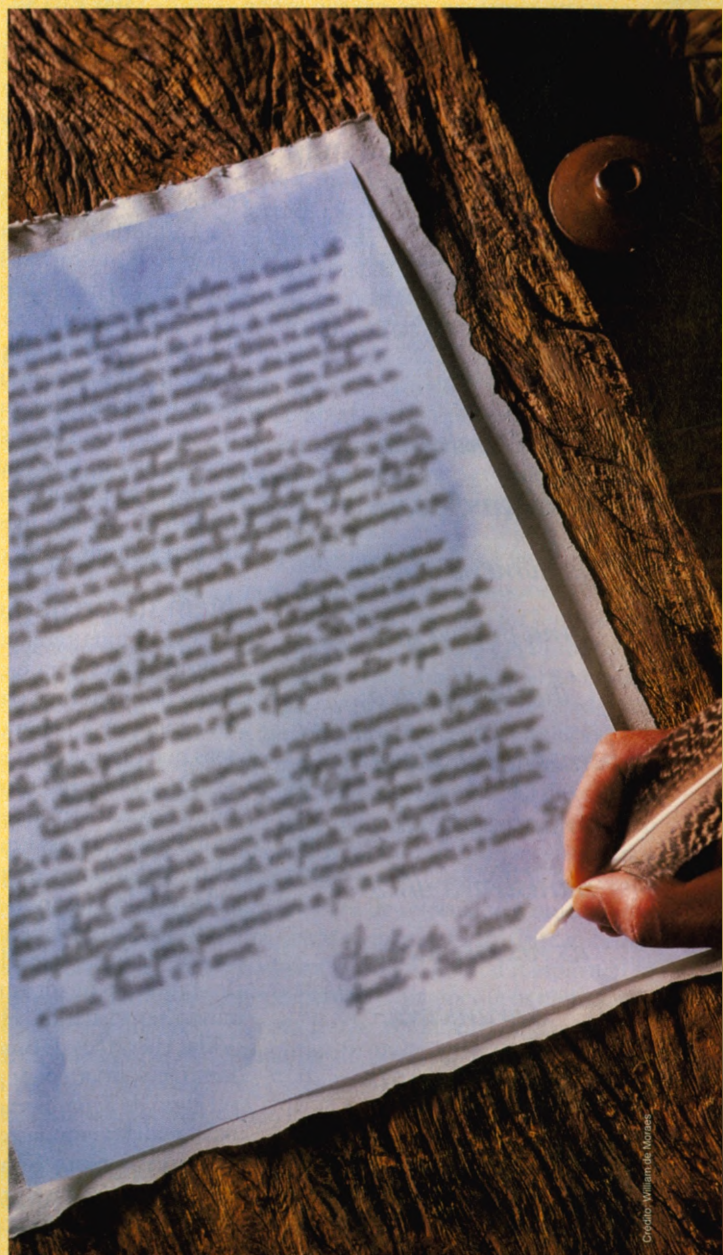
A Bíblia e nosso dia-a-dia estão repletos de exemplos que nos alertam quanto ao perigo de nos distanciarmos da proteção divina. A vida longe de Deus desvirtua e destrutura nosso caráter, nos desequilibra emocionalmente e, finalmente, nos desqualifica para o Céu. Quando rejeitamos o sacrifício de Cristo, voltamos à condição de miseráveis prisioneiros, envergonhados da própria situação, infelizes, desesperados e de coração despedaçado pelo mal. Tornamo-nos inúteis, sem procedência, desqualificados, órfãos, deserdados das bênçãos e dos bens celestiais. Esse não é o plano de Deus.

O perdão

A carta a Filemom é uma parábola extraordinária do processo da redenção. Onésimo, o escravo fugitivo, representa

os pecadores culpados, amarrados aos próprios delitos com correntes que ninguém jamais poderá romper. Filemom, o proprietário de Onésimo, o dono vitimado, representa Deus, contra quem nós pecamos, mas que amorosamente nos perdoa e nos aceita de volta. Paulo, o amigo fiador e intercessor, é, aqui, uma figura de Jesus Cristo que pagou a fiança e intercede por nós diante do Pai.

Ao nos contemplar com infinito amor, Cristo não considerou nossa condição de escravos, fugitivos e prisioneiros, mas avaliou-nos, individualmente, por um preço incalculável. Qual é, então, meu vínculo com Cristo? Qual é o meu grau de semelhança com Ele? Qual é a capacidade do meu amor por Ele? Seria suficiente para viver e morrer por Cristo, a exemplo de Paulo, que foi Seu imitador? Graças a Deus pela cruz colocada sobre os ombros do Seu Filho. Graças pela exclamação: “Está consumado”, ou “tudo está pago”, o que foi ratificado pelo túmulo vazio. ✝



Mobilizando a igreja para servir



Miguel Bemui Contreras
Pastor na Missão Norte do Pacífico, Peru

*“O Salvador
misturava-Se com
os homens como
uma pessoa que
lhes desejava o
bem. Manifestava
simpatia por eles,
ministrava-lhes
às necessidades
e granjeava-
lhes a confiança.
Ordenava então:
‘Segue-Me.’”*

Em Mateus 25:34-36, estão registradas as seguintes palavras de Jesus: “então dirá o Rei aos que estiverem à Sua direita: Vinde, benditos de Meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo. Porque tive fome e Me destes de comer; tive sede e Me destes de beber; era forasteiro e Me hospedastes, estava nu e Me vestistes; enfermo, e Me visitastes; preso e fostes ver-Me.”

Durante meu ministério, tenho lido com frequência textos bíblicos e citações inspiradas. E, nestes últimos dois anos, minha experiência pastoral tem experimentado um impacto muito forte, enquanto observo o notável progresso da pregação. Por outro lado, creio que ainda necessitamos crescer, no mesmo ritmo, no serviço que prestamos ao nosso próximo. É-nos dito que “recolher o necessitado, o oprimido, o aflito, o que sofreu perdas, é justamente a obra que toda igreja que crê na verdade presente devia estar realizando há muito tempo. Cumpre-nos mostrar a terna simpatia do samaritano em suprir as necessidades físicas, alimentar o faminto, trazer para casa os pobres abandonados, buscando de Deus continuamente a graça e a força que nos habilitem a chegar às profundezas da miséria humana, e ajudar aqueles que absolutamente não podem ajudar a si mesmos. Realizando essa obra, temos uma favorável oportunidade de apresentar Cristo, o Crucificado”. – *Testemunhos Seletos*, vol. 2, pág. 514.

Além da pregação

Essa é uma tarefa que, sem sombra de dúvidas, contribui para o desenvolvimento espiritual da igreja e que deveria ser incorporada como seu estilo de vida. A mobilização dos membros para o atendimento e satisfação das necessidades dos semelhantes fará com que a igreja conquiste a confiança da comunidade que a cerca, atraindo pessoas que ouvirão e atenderão o convite do Mestre: “Segue-Me”.

Os acontecimentos sociais e políticos que têm lugar no mundo, bem como os fenômenos naturais que sacodem diversas regiões do planeta, nos levam a refletir sobre a urgência da nossa missão e a necessidade de a desempenharmos em toda a sua amplitude. Milhares de pessoas diariamente são vítimas de enfermidades, acidentes ou calamidades, abrindo-nos a oportunidade de lhes dizer uma palavra amorosa, dedicar tempo, talentos e bens para salvar vidas que jazem moribundas em meio ao pecado, à necessidade e à falta de esperança.

É preciso avançar no cumprimento dessa missão. Há enfermos e prisioneiros esperando ser visitados. Há uma comunidade esperando o alívio produzido pela Água da Vida. Há órfãos de amor, vítimas da frieza e indiferença, aos quais podemos levar o bálsamo da solidariedade cristã, partilhada através de um prato de sopa, uma peça de roupa ou copo de água. Somos “a luz do mundo” e “o sal da Terra”. O Senhor deseja usar-nos para realizar grandes coisas em Seu favor, sem que estejamos interessados no aplauso humano ou no reconhecimento administrativo, que podem alimentar nosso ego.

A ênfase dada à pregação e à colheita não deve ofuscar o dever da conservação de membros através da capacitação, sociabilidade e companheirismo que devem existir

entre eles. Os ministérios da igreja se abrem como oportunidades para que todos os crentes cresçam no exercício de sua mordomia, fraternidade, generosidade e serviço em favor dos que sofrem. O aproveitamento dessas oportunidades não desviará a igreja do dever de proclamar o evangelho; ao contrário, a fortalecerá no exercício dessa tarefa, pois o ministério social abre portas e consolida conversões.

Planejando o envolvimento

Existem determinados passos que não podem ser desconsiderados, a fim de envolver os membros da igreja nos ministérios de serviço. Aqui estão algumas sugestões:

- ◆ Reunir a comissão da igreja, para estudar e avaliar as necessidades comunitárias, decidir quais ministérios serão implementados e definir os objetivos a ser alcançados.
- ◆ Apresentar o projeto à igreja e convidar os membros para que se inscrevam no ministério em que desejam participar. Deve ser dado um tempo aproximado de 15 dias.
- ◆ Reunir os que se inscreveram nos diferentes ministérios e elaborar o cronograma de atividades, que podem ser quinzenais ou mensais. Cada ministério deve ter um coordenador, a ser nomeado nesse encontro.
- ◆ Realizar intensa promoção das atividades, através do boletim da igreja, cartazes, camisetas e outros instrumentos de propaganda.
- ◆ Fazer avaliação, depois de cada atividade realizada, a fim de que eventuais ajustes sejam feitos. Criar espaços no Encontro Jovem ou em outros momentos, para que os participantes contem as experiências vividas. Isso tem o objetivo de inspirar a participação de outras pessoas.

Tipos de ministérios

Entre os ministérios sugestivos, nos quais podemos envolver a igreja, apresentamos os seguintes:

Alimentação. Nessa tarefa, se unem o Ministério da Mulher, a Adra e as diaconisas. Segundo o tamanho da população a ser atendida, são preparados vários caldeirões de sopa, que é distribuída por jovens e voluntários entre segmentos carentes da comunidade. Antes da distribuição, realizada em um salão da igreja ou da própria comunidade, são apresentados cânticos, orações e leitura da Bíblia.

Atendimento aos presídios. Quando convocamos voluntários de uma de nossas igrejas, para que se unissem a esse ministério, a resposta foi simplesmente impressionante. Pessoas de todas as idades se dispuseram a realizar o trabalho. As visitas continuam sendo realizadas cada sábado, e já foram estabelecidos pequenos grupos dentro do presídio. Mais de 20 jovens estão envolvidos nesse ministério. Dialogamos com os internos, oramos e, às vezes, almoçamos juntos. Não se esqueça de fazer todos os arranjos requeridos, com as autoridades carcerárias.

“Os ministérios da igreja são oportunidades para que os crentes cresçam na fraternidade e no serviço”

Visitas aos hospitais. Em algum momento, todos nós já tivemos oportunidade para visitar um hospital, uma clínica, um centro de saúde ou ambulatório. Provavelmente, ali estava algum familiar ou membro da igreja. Quando as pessoas são tocadas pela doença, se tornam mais sensíveis, predispostas a ouvir. Então, as portas se abrem para visitação, ou uma prece oferecida. Coordine grupos para execu o desse ministério, respeitando sempre horários e condi es estabelecidos para visita o.

Bom samaritano. Costumamos iniciar cada ano oferecendo oportunidade para que nossos irm es tragam alguma roupa usada, em bom estado, a fim de do -la a pessoas extremamente pobres.   alentador perceber que as famílias respondem ao desafio, trazendo muitas peças de vestuário   igreja. A campanha   realizada sob o tema “Uma roupa para Jesus”, implicando que deve ser trazido o melhor possível. A equipe responsável por esse ministério seleciona as peças de roupa, e estabelece a data e o local da distribu o. As roupas também podem ser recolhidas na vizinhança, entre amigos e pessoas abastadas da comunidade.

Ora o intercessora. Indivíduos, famílias e igrejas têm sido grandemente

abençoados com os resultados de ora es em grupo, permanentemente feitas em seu favor. Já se disse que “a ora o move a mão de Deus”. Os participantes do ministério de ora o intercessora devem estabelecer o dia, horário e lugar em que possam se reunir. Podem também estabelecer que em determinado horário do dia, embora estejam em lugares diferentes, todos orem por situa es ou pessoas específicas. Igrejas que oram fazem a diferença; não   que seus membros não enfrentem dificuldades e problemas. Contudo, ao apresentá-los ao Senhor, todos experimentam uma sensa o de paz e segurança, oriundas da certeza de que Ele conhece suas lutas e está no controle de todas as coisas. Se você conhece alguém em sua igreja que não se sente dotado para dar estudos bíblicos ou pregar, anime-o a sustentar os braços de quem o faz, através desse ministério.

“A Mim o fizestes”

Os ministérios que forem estabelecidos por sua igreja se abrem como oportunidades para que ela seja mobilizada para o serviço. Não pretendemos fazer com que ela caia no assistencialismo barato, estimulante da ociosidade, e não avance. As atividades propostas são realizadas no contexto de prepara o e abertura de oportunidades para a apresenta o do evangelho que transforma e restaura no ser humano a dignidade própria da imagem divina com que foi criado.

O que pretendemos   levar as pessoas ao conhecimento do insondável amor de Cristo. Se o trabalho for feito segundo o modelo delineado pelo próprio Jesus, não haverá d vidas quanto ao fato de que as pessoas, tendo recebido pão e água materiais, estarão predispostas a receber o Pão e a água da Vida.

Não nos esqueçamos: “O mundo necessita atualmente daquilo que tem sido necessário já há mil e novecentos anos – a revela o de Cristo.   preciso uma grande obra de reforma, e   unicamente mediante a graça de Cristo que a obra de restaura o física, mental e espiritual se pode efetuar. Unicamente os métodos de Cristo trarão verdadeiro êxito no aproximar-se do povo. O Salvador misturava-Se com os homens como uma pessoa que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes às necessidades e granjeava-lhes a confiança. Ordenava então: ‘Segue-Me.’” – *A Ciência do Bom Viver*, pág. 143.  

Uma resposta para os críticos



John Skrzypaszek
Diretor do Centro de Pesquisa Ellen White, do Colégio Avondale, Austrália

Os embaixadores de Deus respondem a todas as situações causadoras de amargura com a mesma atitude daquele a quem representam

O criticismo inflige dolorosas feridas emocionais a qualquer pessoa. Todos nós o tememos e sonhamos com o dia em que poderemos ficar livres dele. Contudo, os eventos da vida constantemente nos lembram sua esmagadora presença. “Quando somos golpeados pelos projéteis e atingidos por intensos ataques de amigos e inimigos”, escreveu Hans Finzel, “isso produz um efeito devastador em nossas emoções. Pode levar nosso trabalho a um estacionamento angustiante, e então nos encontramos tendo de tratar com o próprio criticismo.”¹

Alguém pode perguntar: Quais são os agentes que disparam o vicioso ataque do criticismo, e como podemos administrar seu impacto?

Raízes

O espírito de criticismo emerge “dos prazeres que militam na vossa carne”, escreveu o apóstolo (Tiago 4:1-3). Em outras palavras, a natureza humana contribui para o surgimento de conflitos, querelas e lutas. Finzel identifica as seguintes causas do criticismo: ciúme, expectativas não satisfeitas, crises organizacionais, incompreensões, conflito de valores, falhas, desconfiança, orgulho e arrogância.

Raramente temos experimentado criticismo originado no bem que está presente nas mais puras intenções. Se esse fosse o caso, o resultado seria sempre a intensificação dos relacionamentos. Entretanto, o criticismo a que estamos nos referindo inclui o tortuoso e desumano julgamento, além do dilúvio de pontos de vista egoístas e obstinados que desvalorizam o caráter. Usualmente, as enviesadas e opiniáticas flechas do criticismo miram o nervo central da sensibilidade emocional. Como resultado, a dor por ele infligida ativa os mecanismos humanos de defesa, despertando a atitude de lutar ou fugir. Nesse sentido, o criticismo e uma correspondente resposta emocional exagerada são reacionários e igualmente nocivos. Finzel enumera as seguintes reações ao criticismo: abandono, fuga, tentativa de se esconder, ira, depressão, busca de vingança, ataques traiçoeiros, menosprezo aos críticos.²

Direitos pessoais

Agora, passaremos a discutir outra visão tão amplamente promovida em nosso ambiente contemporâneo, que não é outra senão a luta pelos direitos pessoais. Quando tais direitos são usados como uma contramedida defensiva em relação ao criticismo, essa luta também pode ser igualmente prejudicial. Respostas tanto ofensivas como defensivas reduzem a objetividade das soluções do conflito e, assim, as partes envolvidas continuam numa infundável confusão, que só faz aumentar a profundidade das feridas emocionais e destitui a pessoa da dignidade humana.

Minha análise pessoal de diferentes conflitos sugere que indivíduos reacionários em sua resposta ao criticismo acumulam maior dano emocional que seus oponentes. E por causa do alto nível de tensão emocional, torna-se mais fácil cruzar os limites dos relacionamentos morais.

O fator Deus

Como Deus entra nessa equação? Se considerarmos a responsabilidade do cuidado pastoral como sendo a de levar pessoas à presença de Deus, como pode o pastor levar avante essa tarefa em circunstâncias tão difíceis? É muito interessante notar que Finzel introduz Deus no contexto das lutas criadas pelo criticismo, sob uma nova luz. Ele afirma: “Deus usa o criticismo e o ataque pessoal para aprofundar nosso crescimento e nossa maturidade.”³

Acaso, Deus atua dessa forma? Em caso afirmativo, está Deus ocupado na execução de um jogo emocional conosco? Ainda de acordo com Finzel, “parece ser um processo que Ele utiliza para eliminar arestas ásperas e para aprofundar nossa humildade bem como nosso senso de dependência dEle”.⁴ E, para apoiar seu pensamento, ele cita Tiago 1:2-4: “Meus irmãos, tende por motivo de toda a alegria o passardes por várias provações, sabendo que a provação da vossa fé, uma vez confirmada, produz perseverança. Ora, a perseverança deve ter ação completa, para que sejais perfeitos e íntegros, em nada deficientes.”

Nestes dias em que, para muitas pessoas, Deus parece tão distante, e em ocasiões em que nós parecemos tão dependentes de nossa própria sabedoria para resolver os problemas da vida, a noção de dar uma parada na oficina do divino oleiro (Isa. 64:8) cria certo nervosismo. Todavia, muito melhor que ver essa experiência através de uma perspectiva cética, devemos considerá-la uma resposta de Deus, que cura as mazelas humanas.

Respostas reacionárias intensificam a dor das feridas emocionais. Essas respostas carecem de poder curador e abertura para tratar objetivamente com o criticismo. Ao confrontá-lo nos trajes de nossa indignidade espiritual, tão somente aderimos aos mecanismos do egocentrismo, atirando-nos uns contra os outros.⁵

O primeiro conflito

Comentando a natureza do conflito de Adão e Eva, Elizabeth Achtemeier expõe a futilidade das tentativas que o primeiro casal fez para resolver o trauma da situação criada por eles mesmos. Diz ela: “E assim eles fizeram algo para se esconderem, buscaram uma frágil proteção mútua.”⁶ Eu gostaria de sugerir que, nesse caso, o ambiente estava

carregado de dor emocional, frustração, vergonha e culpa. De fato, a separação de Deus possibilitou que a vida fosse invadida por novas emoções. Essa condição abriu as portas para reações inesperadas e de perplexidade.

Há uma notável semelhança entre as respostas de Adão e Eva à situação enfrentada por eles e a lista das reações humanas, elaborada por Finzel, ao criticismo (fuga, sentimento de culpa, tentativa de se esconder).

Na experiência original, está bem claro que a solução para as tensões não emerge das respostas reacionárias espontâneas. Ao contrário, ela estava embutida no poder curativo da voz que chamava: “Onde estás?” (Gên. 3:9). Posteriormente, ao explorar o enganoso egocentrismo da natureza humana, Achtemeier escreveu: “Quão frequentemente nós nos cobrimos com mentiras, enganos e racionalizações, a fim de nos proteger em nossos relacionamentos mais profundos.”⁷

Nossas respostas

A profundamente arraigada insegurança de nossa alma despedaçada afeta o modo como respondemos ao criticismo. Geralmente, tendemos a administrá-lo a partir dos nossos temores, sentimento de culpa, vergonha, ira, frustrações e mágoas. Assim, como disse Finzel, é possível considerar essa experiência um instrumento nas mãos de Deus para nos ajudar em nosso amadurecimento e aprofundar nossa confiança nEle. Em II Coríntios 5:2-5, Paulo expressa o desejo de ser revestido com a habitação celestial. Eis suas palavras: “E, por isso, neste tabernáculo, gememos, aspirando por ser revestidos da nossa habitação celestial; se, todavia, formos encontrados vestidos e não nus. Pois, na verdade, os que estamos neste tabernáculo gememos angustiados, não por querermos ser despídos, mas revestidos, para que o mortal seja absorvido pela vida. Ora, foi o próprio Deus quem nos preparou para isto, outorgando-nos o penhor do Espírito.”

Aqui, ele raciocina que a habitação celestial cobre a nudez humana. E podemos sugerir que, com o termo “nu”, ele se refere à completa exposição do “eu” com todas as suas inconsistências. Porém, Deus nos criou para a eternidade. Essa presente condição nos torna desconfortáveis e relutantes em ser transparentes (v. 4). O anelo secreto da

alma envolve uma resposta humana de confiança nAquele que entra em nossas dores e mágoas emocionais, chamando de maneira apaixonada e amorosa: “Onde estás?”

Uma resposta a esse chamado significa “liberar o controle de nossos relacionamentos para Deus, a fim de que Ele venha Se encontrar com o tipo de pessoa que somos, na profundidade do nosso ser”.⁸ O Senhor está desejoso de cobrir nossos temores e nossa vergonha, reparando as asperezas de nossa humanidade. Sim, as circunstâncias adversas da vida e tudo o que despedaça emocionalmente o ser humano modelam o caráter para a eternidade. Essas coisas tocam as cordas de nossas emoções, produzindo uma resposta e nos habilitando para que vejamos a nós mesmos sob a verdadeira luz. O que Finzel considera a maneira de Deus eliminar as arestas de nosso egocentrismo eu considero a resposta humana ao abrandamento, ou moderação, divino.

Abrandamento divino

O que chamo de abrandamento divino é uma atitude relacionada ao processo através do qual alguém começa a manejar o criticismo a partir de uma perspectiva centralizada e orientada por Deus. Em virtude de que Deus é o restaurador e o oleiro, a prioridade na administração do criticismo não é prover uma resposta reacionária aos nossos oponentes, mas aprender, apreender e aplicar as lições que Ele tenta nos ensinar. Uma dessas lições é que o aumento da dor deve nos direcionar à fonte de cura (Mal. 4:2; Isa. 40:28-31).

Esse modelo de comportamento não sugere desconsideração nem indiferença para com o criticismo. Sugere, sim, uma abordagem assertiva, resultante da cura experimentada na presença de Deus e que implica resignação, paciência, pureza, compreensão, bondade, amor, autenticidade, alegria e falar verdadeiro. É como escreveu Paulo: “Não dando nós nenhum motivo de escândalo em coisa alguma, para que o ministério não seja censurado. Pelo contrário, em tudo recomendando-nos a nós mesmos como ministros de Deus: na muita paciência, nas aflições, nas privações, nas angústias, nos açoites, nas prisões, nos tumultos, nos trabalhos, nas vigílias, nos jejuns, na pureza, no saber, na longanimidade, na bondade, no Espírito Santo, no amor não fingido, na palavra da ver-

dade, no poder de Deus, pelas armas da justiça, quer ofensivas, quer defensivas; por honra e por desonra, por infâmia e por boa fama, como enganadores, e sendo verdadeiros; como desconhecidos, e entretanto bem conhecidos; como se estivéssemos morrendo e contudo eis que vivemos; como castigados, porém não mortos, entristecidos, mas sempre alegres; pobres, mas enriquecendo a muitos; nada tendo, mas possuindo tudo.” II Cor. 6:3-10.

Ao abriremos nossa vida à presença de Deus e nos colocarmos nas mãos do divino oleiro, também entregamos as perigosas armas dos nossos falhos mecanismos de defesa ao poder curativo da Sua graça. Essa reciprocidade relacional nos induz a abrir nosso coração a Deus, à medida que confiamos nEle. Disse o salmista: “Na minha angústia invoquei o Senhor, gritei por socorro ao meu Deus. Ele do Seu templo ouviu a minha voz, e o meu clamor Lhe penetrou os ouvidos.” Sal. 18:6.

Lembre-se, tratamento defensivo do criticismo provoca reações agressivas. Por outro lado, o poder curativo de Deus cria nova autenticidade e abertura. A demonstração de confiança nas mãos do oleiro nos capacita a tratar nossos males com renovada esperança, e nos dá condições para valorizar pessoas, mesmo os nossos mais ardorosos

opponentes, como possessão de Deus. Assim, guiar pessoas à presença de Deus

D e u s



significa expô-las à autenticidade do Seu poder curativo, confirmada pela resposta pastoral ao criticismo que já não é reacionária, mas relacionalmente capacitadora. Ela inclui completa medida de sensibilidade e tato no trato amoroso com aqueles que nos ferem.

O exemplo de Cristo

Jesus nos deixou um exemplo de absoluta confiança na infalível justiça de Deus: “Pois Ele, quando ultrajado, não revidava com ultraje, quando maltratado, não fazia ameaças, mas entregava-Se Àquele que julga retamente.” I Ped. 2:23. Então, é possível ver nossos críticos como instrumentos de Deus, utilizados para modelar nossa confiança e dependência dEle. Não é fora de lugar, a esta altura, relembrar que Jesus aconselhou Seus seguidores a amar seus inimigos (Mat. 5:44).

Repito: não estou sugerindo que devemos ser indiferentes ou ignorar o criticismo. A assertividade a que estou me referindo é simplesmente um comportamento revelador da restauradora presença divina em nós, diante dele. É importante notar que Paulo (em II Coríntios 6:3-10) aponta a realidade do desconforto emocional criado por pessoas difíceis. Ele se refere à experiência de desonra, infâmia, acusação de ser enganador, castigo, tristeza e pobreza. Porém, apresenta uma visão contrastante: “entristecidos, mas sempre alegres; pobres, mas enriquecendo a muitos; nada tendo, mas possuindo tudo” (v. 10).

Parece que o apóstolo conhecia muito bem o segredo dessa restauradora mudança de atitude. Ele ancorou sua confiança no poder da graça de Deus, manifestada em Cristo Jesus: “Pois conhecereis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, Se fez pobre por amor de vós, para que pela Sua pobreza vos tornásseis ricos.” II Cor. 8:9.

Consideremos o seguinte:

A presença de Deus cura feridas emocionais.

A presença de Deus provê capacitação, sensibilidade e tato para tratar o criticismo com abertura e responder aos críticos com firme gentileza. Os críticos também possuem emoções e sentimentos.


Deus dá a visão necessária para nosso crescimento pessoal.

Deus nos dá paciência.

Deus provê razões para oração, adoração e amor responsivo.

Deus nos dá um senso de objetividade que ajuda a distinguir a crítica positiva da difamação injusta. E dá poder para convivermos com a difamação.

A resposta de Deus ao criticismo guia pessoas à Sua presença. Em meio a infortúnios e provações, Paulo realçou o propósito da missão de Deus. Em primeiro lugar, Deus nos reconciliou com Ele através de Jesus. Em segundo lugar, deu-nos o ministério da reconciliação. Finalmente, nos fez Seus embaixadores (II Cor. 5:20). Na mente de Paulo, isso envolve cura pessoal. O que segue é a responsabilidade de enfrentar as questões da vida como embaixadores da graça divina. Embaixadores de Deus respondem às circunstâncias causadoras de sofrimento com a atitude daquele a quem representam. “Enquanto deixarmos predominar na lembrança os atos desagradáveis e injustos de outros, parecer-nos-á impossível amá-los como Cristo nos ama; se, porém, nossos pensamentos se fixam no extraordinário amor e piedade de Cristo para conosco, esse mesmo espírito irradiará de nós para os nossos semelhantes. Cumpremos amar e respeitar uns aos outros, não obstante as faltas e imperfeições que não podemos, malgrado nosso, deixar de notar neles.”⁹

Falando sobre o perdão, J. P. Pingleton escreveu: “Tornamo-nos mais semelhantes a Deus, quando perdoamos. Nenhuma outra descrição da divindade se aproxima da qualidade do perdão. Genuíno perdão só é possível pelo amor, graça e misericórdia de Deus.”¹⁰ Receber e partilhar o perdão divino é o ápice da liderança pastoral. Revela maturidade espiritual e psicológica e, realmente, é a essência do ministério de êxito. 

Referências:

¹ Hanz Finzel, *Empowered Leaders* (Nashville, TN: W. Publishing Group, 1998), pág. 76.

² *Ibidem*, pág. 77.

³ *Ibidem*.

⁴ *Ibidem*.

⁵ Elizabeth Achtemeier, *Preaching Biblical Texts: Exposition by Jewish and Christian Scholars* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1995), pág. 5.

⁶ *Ibidem*.

⁷ *Ibidem*.

⁸ M. Robert Mulholland Jr., *Invitation to a Journey: A Road Map for Spiritual Formation* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1993), pág. 31.

⁹ Ellen G. White, *Caminho a Cristo*, pág. 121.

¹⁰ J. P. Pingleton, *Journal of Psychology and Theology* 25, n° 4 (1997), pág. 411.

Lições de uma emergência



Kathy McMillan

Enfermeira do Centro Médico da Universidade Loma Linda, Estados Unidos

O ambiente hospitalar pode não ser muito convidativo, mas é uma rica fonte de aprendizado

Um membro de sua igreja acaba de ser internado no hospital, depois de sofrer um ataque cardíaco. A notícia lhe chega às 15h30 de uma sexta-feira, através de um telefonema da esposa dele que, desesperada, lhe pede para visitá-lo. Porém, você ainda não terminou de preparar o sermão de sábado e prometeu à sua esposa que a ajudaria na arrumação da casa. Entretanto, o dever lhe chama e você corre para o hospital.

No caminho, você se lembra com desprazer da última visita que fez a um hospital. Uma enfermeira o convidou a retirar-se, porque não era hora de visitas. Você acabou sendo mais insistente do que gostaria, a fim de ter uma chance de visitar o irmão doente.

Muitos clérigos se sentem fora de lugar em um hospital. O ambiente pode parecer mais desagradável e menos convidativo; o *staff* algumas vezes parece estar ocupado demais para prestar algum auxílio; e os pacientes estão, às vezes, tão doentes que você não tem certeza de que sua visita importa.

Etiqueta

Mas, você pode fazer alguma coisa para tornar a visita hospitalar mais benéfica para todos os que, de algum modo, são impactados por ela, inclusive você mesmo.

Identifique-se. Tão logo você chegue à recepção, identifique-se como pastor e pergunte a alguém da equipe de enfermagem se esse é um bom momento para visitar. Por muitas razões, os clérigos chegam fora da hora de visita. Muitos hospitais permitem que pastores visitem a qualquer hora, especialmente se o paciente ou seus familiares solicitaram sua presença. O pastor deve sempre ter em mãos sua credencial. Essa identificação ministerial é reconhecida pelo *staff* do hospital como legítima, e permite o acesso do pastor ao paciente em qualquer horário.

Seja discreto. Não seja intruso; não peça aos enfermeiros um relatório sobre as condições do paciente. Devido às leis de privacidade, a equipe médica não pode tornar públicas quaisquer informações, a menos que o paciente tenha dado permissão específica para que elas sejam transmitidas a você.

Conheça as regras sanitárias. Se o paciente está isolado, você ainda pode visitar, mas esteja seguro de que conhece as precauções que necessitam ser tomadas. O isolamento do paciente com problemas respiratórios, por exemplo, pode requerer que você use uma máscara. Há casos em que você terá de usar luvas e aventais. Essas precauções existem para sua segurança e a do paciente.

Antes de entrar no quarto, ou tocar o paciente, lave bem as mãos. Germes são frequentemente transmitidos através de contato manual, e você pode ajudar a prevenir futuras infecções. Lave as mãos novamente, quando sair.

Não abuse. Mesmo que a visita tenha sido solicitada, lembre-se de que quando alguém está doente, sua capacidade de atenção é muito curta. Se o paciente quiser que você permaneça mais tempo com ele, certamente lhe fará saber. Porém, ainda que isso aconteça, demorar-se no quarto pode não ser a melhor coisa. Em tais situações, você poderá, com muito tato, dizer algo como: "Eu realmente gostaria de ficar mais tempo

aqui com você, mas penso que será melhor que você empregue suas energias na recuperação de sua saúde. Prometo que sempre manterei contato com você.”

Mesmo sem dizer nada, podemos transmitir ao paciente mensagens poderosas

Cuidado espiritual

Embora ministrar cuidado espiritual pareça ser uma especialidade do pastor, por alguma razão, isso muitas vezes parece mais difícil em um ambiente médico. Por isso, é necessário ter em mente algumas coisas:

Ministério hospitalar é uma jornada. O cuidado espiritual não é algo como um pacote perfeitamente embrulhado que alguém leva e dá a uma pobre alma que se encontra em sofrimento. Pode ser mais benéfico pensarmos em termos de jornada espiritual. Você está em uma jornada, assim como a pessoa visitada. No modo como você ouve, e através das palavras que partilha, você provê algo que ajudará o paciente em sua jornada espiritual. E ele, por sua vez, possivelmente também quererá dizer algo que ajudará você em sua jornada. O fato de ver essa experiência como sendo mútua libertará da pressão de encontrar a coisa perfeita para dizer.

Seja compreensivo. Tente entender a situação. Procure compreender os sentimentos físicos e emocionais do paciente. Ninguém pode querer que uma pessoa à espera do resultado de uma biópsia esteja tranqüila. Pode estar preocupada, cheia de ira, com sentimento de culpa, ou muito triste.

Ouçá. A sociedade ocidental tende a ser desconfortável com o silêncio. Pare e absorva o que o paciente está dizendo, sem achar que deve responder ou interrompê-lo. Qualquer pessoa pode ouvir palavras e repeti-las. Mas, é preciso ter discernimento para ler entrelinhas, interpretar a linguagem corporal e descobrir a mensagem real.

Não ache que você tem de responder verbalmente a tudo. Algumas vezes, a resposta mais poderosa é a seguinte:

“Estou realmente triste com o que acabo de ouvir. Não tenho qualquer palavra que pareça apropriada, mas quero que saiba que eu me importo com você.”

Isto pode não ajudar. Você se lembra dos dias escolares, quando fazia uma prova muito difícil? Então, deixava a sala se perguntando: “Será que falhei? Conseguirei a nota necessária? Serei aprovado?” Ao voltar para casa, expunha suas preocupações aos familiares. Qual era a resposta deles? “Oh, não seja tolo. É claro que você passará.” Acaso, isso mudava a situação? Você se sentia melhor com essa resposta? Provavelmente, não. Da mesma forma, se um paciente lhe fala de sua preocupação quanto ao futuro, talvez não seja benéfico dizer: “Fique tranqüilo, tudo acabará bem.”

Entenda o sofrimento. Faz alguns anos, enquanto eu preparava o jantar, meus filhos estavam brincando no quintal. Uma filha caiu, feriu o joelho e veio chorando, pedindo que lhe fizesse um curativo. Como não vi sangue, disse-lhe que tudo estava bem, e que fosse brincar. Minutos depois, meu coração de mãe foi apunhalado por uma soluçante garota sentada no sofá. Enxuguei minhas mãos, fiz um curativo, sentei-me ao seu lado e disse à minha filha: “Sinto muito. Já tive arranhões antes e sei que eles podem doer muito, mesmo que não estejam sangrando.” Em seguida, apliquei-lhe o curativo e ela imediatamente foi curada. Esse curativo foi um poderoso indicador de que eu havia compreendido realmente sua dor. E não é diferente com o coração das pessoas. Elas necessitam de alguém que apenas lhes diga: “Isso deve ser muito difícil para você; sinto muito.”

Não centralize. Precisamos enfrentar essa questão. Os pastores geralmente gostam de assumir tudo sozinhos. É uma atitude compreensível, porque todos nós gostamos de nos sentir úteis. Porém, não raro, damos um pulo além de nós mesmos e nos envolvemos em dificuldades, porque não permitimos que as pessoas encontrem suas próprias soluções.

Certo dia, voltei para casa depois do trabalho no fim da tarde e, ao chegar, encontrei o garoto vizinho junto ao nosso portão. Cumprimentei-o e perguntei o que estava fazendo. “Acabamos de voltar do pronto-socorro”, ele respondeu. Sua irmã mais nova tinha caído naquela manhã e quebrou o braço. Eles gastaram aproximadamente oito horas no hospital. Ouvindo a respeito da situação,

sabendo que minha vizinha tinha cinco crianças e era tempo de jantar, pensei que eu poderia assumir o problema. Sugi ao garoto que fosse dizer à sua mãe que eu prepararia o jantar. Ele respondeu que não era necessário; insisti, ele recusou novamente.

Tentando impor minha autoridade, falei-lhe firmemente: “Donald, sua mãe está sempre me ajudando e, agora, quero fazer isso por ela. Vá e diga-lhe que eu prepararei o jantar.” Quase tremendo, ele informou: “Sra. McMillan, vovó e vovó chegaram e estão cuidando disso.” Apreendi a lição de não querer tomar todas as coisas nas minhas mãos. Quando permitimos que os pacientes resolvam seus problemas, as soluções serão mais apropriadas e mais fáceis.

Comunicação não verbal. Sem dizer nada, você pode transmitir ao paciente mensagens poderosas, enquanto permanece ao lado da cama. Mesmo que seu tempo seja curto, você pode dispensar-lhe toda atenção, através de contato visual, sentando-se perto dele, falando-lhe suavemente. Tais coisas expressam seu cuidado.

Ore cuidadosamente. A oração não deve ser usada como fuga de situações desconfortáveis. No início da minha carreira, trabalhei numa unidade oncológica, onde havia um pastor que sempre visitava seus fiéis. Parecia que, diante da expressão de qualquer dúvida, temor, ou ira, por parte do paciente, o pastor sugeria: “vamos orar”. Embora sua intenção fosse boa, isso efetivamente cortava o diálogo, não permitindo que os doentes falassem dos sentimentos, mesmo que fossem negativos.

Embora a maioria das pessoas espere que o pastor ore com elas, também desejam conversar. Algumas vezes, pode até ser que nem estejam preparadas para orar. Uma declaração simples, como a seguinte, pode facilitar a situação: “Quando eu sinto medo, uma das coisas que realmente me ajudam é orar. Gostaria de orar?” Pergunte ao paciente se há um motivo específico sobre qual deve orar. É fácil imaginar que alguém que recebeu um diagnóstico terminal desejasse ser curado. Mas, ele pode lhe pedir que ore por aceitação, paz ou perdão.

Bem, a jornada hospitalar chega ao fim. Aproximadamente às 17h você deixa o hospital. Surpreendentemente, percebe que o sermão inacabado encontrou, naquela visita, subsídios que o tornarão muito mais relevante. ❧

A igreja do futuro



Jan Paulsen

Presidente da Associação Geral da IASD

Caminhos seguros, através dos quais podemos cumprir a missão em um mundo relativista e globalizado

Considere comigo tudo o que temos e somos, como igreja: nossa fé, nossa teologia, nossos valores, nossa identidade, nossa história. Tudo isso forma a parede na qual apoiamos nossas costas. É nela que nos encostamos e dela dependemos. Sentimos sua solidez e seu apoio. Ela não desmorona nem esfarela. E dessa posição, contemplamos o que está à nossa frente, relembrando a clássica injunção, segundo a qual “nada temos que recear quanto ao futuro, a menos que esqueçamos a maneira em que o Senhor nos tem guiado”.

Algumas vezes, fico admirado de que nós podemos estar mais inclinados a observar a parede em nossa retaguarda, examinando-a, reparando eventuais brechas, que focalizando a direção para onde devemos avançar. É aqui que sinto o dever de lembrar a todos: a única vida que temos para viver é a que está diante de nós. Todas as atribuições missionárias a cumprir residem diante de nós. Todos os procedimentos adotados, todos os ajustes estruturais que fazemos, o *Manual da Igreja* e as crenças fundamentais elaboradas, tudo isso é estabelecido tendo nosso olhar direcionado para o futuro. E devemos caminhar em direção a esse futuro, sem nos distanciarmos da parede. Precisamos sentir seu apoio.

Diante de nós, reside uma abertura indefinida, um futuro potencialmente extraordinário, cujo desafio não pode ser subestimado. Quais são as forças que deveriam nos impulsionar, ou poderiam nos conter, na marcha para esse futuro?

Existem forças dentro da igreja que estão impulsionando o adventismo ao redor do mundo, e há forças externas que nos causarão impacto. A grande questão é: “Como determinamos os limites que definirão a abertura em que estamos nos movendo, quais são os marcos que nos guiarão ao futuro e que manterão a jornada em segurança?”

Não podemos simplesmente olhar e dizer: “Bem, não gosto do cenário, por isso, não vou prosseguir”. O futuro, com todos os seus desafios de globalização, diversidade e abertura, é o único lugar para onde podemos e devemos ir, sabendo claramente quem somos e qual é nossa missão. Devemos caminhar para o futuro, sem temor, conhecendo que todo ser humano com quem encontramos no caminho é objeto do amor salvífico de Deus. E devemos admitir que não sabemos precisamente o que Deus requer em cada cultura e em cada situação, a fim de erguermos esse ser humano da perdição à salvação.

O que está claro, entretanto, é que não podemos fazer missão se estivermos contentes apenas reforçando a parede à nossa retaguarda. Então, enquanto nos movemos para o futuro, devemos também assegurar-nos de que temos marcadores em lugares que podemos ver, e nos quais podemos confiar.

Com essas palavras introdutórias, gostaria de abordar este artigo em duas seções. A primeira diz respeito às forças, ou realidades, dentro e fora da igreja que, de alguma forma nos causarão impacto e nos impulsionarão como uma comunidade global. Na segunda, veremos os marcadores que são necessários no caminho diante de nós, os quais funcionarão como limites para que sejamos mantidos em segurança.

Forças de impacto

Rápido crescimento. Nosso próprio crescimento rápido implica que a igreja se torna mais local e, assim, mais descentralizada em termos de administração e atendimento. Embora esse não seja fruto de uma decisão ou um processo deliberado, é apenas um fato, algo que acontece.

A expansão, numérica ou territorial, faz com que o tipo de controle ou direção emitidos a partir de uma sede central, como a Associação Geral ou a Divisão, por exemplo, nem sempre pareça tecnicamente sustentável ou efetivo. Há limitações logísticas de comunicação ou barreiras linguísticas. Pode até haver dificuldades políticas que às vezes limitam o envolvimento de uma sede internacional. Porém, em muitos casos, o que leva a essa situação é simplesmente o desenvolvimento de liderança local.

Estamos nós prontos para isso? Rápidos crescimento e expansão podem não apenas alterar o “peso” da organização, mas também causar impacto na unidade global da igreja.

Contextualização do adventismo. Nossas crenças estão constantemente sendo filtradas através de prismas culturais, e isso poderia resultar em um adventismo que talvez possa ser visto e sentido de modo diferente em várias partes do mundo. Contudo, é muito importante que estejamos seguros de que, nesse processo, o coração e a alma do adventismo permaneçam inalterados.

Contextualização, que é nada mais nada menos que tornar a mensagem culturalmente apropriada, é um processo inevitável. A nenhum de nós é solicitado romper com sua própria cultura para se tornar adventista. Através de nossa cultura e nossa história, nós experimentamos vida, e isso não pode nem deveria ser alterado. Dentro dos limites apropriados, a contextualização deve acontecer. O conselho é claro: “O povo de cada país tem suas peculiaridades distintas, e é necessário que os homens sejam sábios para saber como se adaptar às idéias peculiares do povo, e de tal maneira introduzir a verdade que lhes possa fazer bem. Devem ser capazes de compreender e atender às suas necessidades.”¹

E mais: “Ao trabalharmos em campo novo, não pensemos ser nosso dever declarar imediatamente ao povo: Somos adventistas do sétimo dia; cremos que o dia de repouso é o sábado; acreditamos

que a alma não é imortal. Isso haveria de levantar enorme barreira entre nós e aqueles a quem desejamos alcançar. Falemos a eles, em se nos oferecendo oportunidade, de pontos de doutrina sobre as quais estamos em harmonia. Insistamos sobre a necessidade da piedade prática. Tornemos-lhes evidente que somos cristãos, desejando paz, e que os amamos. Vejam eles que somos conscienciosos. Assim lhes ganharemos a confiança; e haverá tempo suficiente para as doutrinas. Seja o coração conquistado, o solo preparado, e depois semeemos a semente, apresentando em amor a verdade como é em Cristo.”²

Em outras palavras, devemos partilhar a mensagem de modo cortês, conduzindo o povo passo a passo. Não há dúvida de que a capacidade que uma pessoa tem para receber e compreender a verdade é modelada e condicionada por sua história e cultura. Os mais nobres e elevados valores só podem ser compreendidos e aceitos quando estão ligados às nossas experiências.

Mudanças demográficas internas. Nossa igreja está se tornando “mais jovem” e “mais moderna”. Nas áreas em que ela experimenta rápido crescimento, entre 80% e 90% dos membros estão se tornando crescentemente aromatizados por um cristianismo conservador, afirmando valores históricos de fé e conduta – um fator que, provavelmente, contribui muito para seu crescimento.

A igreja “mais idosa” está sendo progressivamente impactada pelo secularismo, “relativismo espiritual”, modernismo e uma lista quase interminável de outros “ismos” que, na visão de muitos observadores, levará futuramente a igreja a se tornar crescentemente liberal. Como solucionarmos as inevitáveis tensões criadas por essa situação?

É nesse ponto que a honestidade, humildade, compreensão, tolerância cultural e o amor são importantíssimos. Como tenho dito em muitas ocasiões, a unidade não cuida de si mesma. Ela não surge naturalmente; tem de ser perseguida muito deliberadamente. E os elementos que a preservam precisam ser cultivados e nutridos. Nesse contexto, a necessidade de desenvolvermos entre nós amor e compreensão mútuos é da maior importância.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia mais jovem, moderna e conservadora está bem diante de nós. É para ela que olhamos adiante. Não podemos apenas

rodeá-la nem ignorá-la. Mas, como faremos no sentido de afirmar sua legitimidade e deixá-la também segurar as rédeas da igreja? A meu ver, a resposta é encontrada em dois itens muito simples: Primeiro, devemos fazer nosso melhor em treinar e equipar essa igreja, de modo que ela partilhe os valores e a identidade do adventismo histórico. Segundo, devemos acreditar nela e confiar no Senhor da igreja. Quanto a isso, não temos outra escolha.

Globalização. Embora seja verdade que a igreja esteja se tornando crescentemente mais local e descentralizada, há outra força agindo na direção oposta. A assim chamada “igualdade” do mundo implica uma rápida disseminação de idéias, experiências e expectativas. Festejamos o potencial dos sistemas globais de comunicação – internet, televisão e rádio – como instrumentos a serviço da missão. Contudo, esses mesmos sistemas inundam o mesmo mercado através de caminhos virtualmente ilimitados, com valores e crenças alternativos. Sites da internet são criados com o propósito de oferecer valores e ensinamentos hostis aos valores de nossa igreja. Uma vez que se entra no mercado da comunicação global, ninguém está protegido contra sua influência.

A globalização também tem produzido um extenso movimento de pessoas, quer incitado pela guerra com seu resultante fluxo de refugiados, ou pela busca de uma saída para a pobreza. O processo pelo qual o mundo é transformado em uma aldeia global está muito avançado em alguns lugares. Um número sem precedentes de igrejas étnicas formam parte de nossa família global. Estando seus membros muito distantes de seus respectivos lares originais, quem pode culpá-los por quererem ter voz e presença legítima na vida da igreja na qual estão alocados? Essa parte da realidade nos desafia, como igreja global, e deve ser direcionada imparcialmente, sem preconceitos.

Semelhantemente, como igreja, tudo o que somos e fazemos está fundamentado em escolhas livres e voluntárias. E é nesse campo que surgem alguns indivíduos e organizações, focalizados na missão, mas que parecem mais “independentes” que “apoiadores”. A natureza de suas iniciativas e suas normas de responsabilidade podem apresentar um desafio para a organização da igreja. Como nos relacionarmos com eles?

Liberdade é ótima, porém, quando um grupo se considera livre, no sentido de responder apenas a Deus e a si mesmo, isso não funciona bem dentro da igreja. Uma comunidade pode funcionar somente quando as regras da comunidade viva são respeitadas e acatadas.

Essas são algumas realidades que se encontram imediatamente diante de nós. Não devem ser vistas como ameaças, mas como desafios que devem ser enfrentados de modo aberto e criativo. Afinal, somos uma organização missionária; temos um claro mandato missionário. É nossa fidelidade à missão que determina em grande parte nossa fidelidade a Deus. Não hesitemos em avançar com força e convicção para o espaço aberto do futuro, pois é aí que cumpriremos nossa missão. Se não o fizermos, teremos perdido nossa razão de ser e nossa utilidade para Deus. Permaneceremos globais; permaneceremos unidos e cumpriremos a missão.

Enquanto tentamos realizar tudo isso, uma coisa devemos ter em mente, na qual passaremos a refletir.

Marcos e limites de segurança

Escrituras Sagradas. Nosso primeiro marco é a Palavra de Deus. Quaisquer valores de fé que mantivermos e divulgarmos devem ser bíblicamente fundamentados. A Palavra de Deus, as Escrituras Sagradas, é a única e autorizada fonte da verdade como conhecimento salvador. Nossos valores são modelados pelas Escrituras. Nossa direção espiritual é estabelecida pelas Escrituras. Os marcos absolutamente confiáveis, que deverão nos conservar seguros na jornada, devem, portanto, ter as Escrituras como seu constante ponto de referência.

No momento em que nos posicionamos fora dos limites escriturísticos, nossa luta com os desafios da contextualização e dos pensamentos prevalentes torna-se traiçoeira.

Então nos encontramos no território do sincretismo ou em um nevoeiro, no qual os valores espirituais mostram-se obscuros. Sem a Palavra de Deus como limite, a igreja será confrontada com demandas para se tornar “flexível”, “razoável”, menos dogmática, maleável diante do comprometimento e, sim, mais aberta – porém, em um caminho indefinido.

O futuro está aberto, mas os marcos de Deus, fincados para sinalizar um caminho seguro, não estão. Existem abismos arriscados em ambos os lados da estrada. Atenção! Muita atenção! Se nos afastarmos da direção provida pelas Escrituras, certamente resvalaremos para um desses abismos. Aliás, temos mantido que os escritos de Ellen G. White nos informam constantemente sobre as Escrituras, como uma luz menor guiando à luz maior. E com isso, de certa forma, já poderia dizer tudo. Mas, eu gostaria de apontar alguns marcos adicionais que, embora estejam enraizados nas Escrituras, requerem atenção especial.

Jesus Cristo. O Salvador Jesus Cristo deve ser inequivocamente identificado e compreendido como nosso Guia. Ele, que disse de Si mesmo: “Eu sou o caminho ... ninguém vem ao Pai a não ser por Mim” (João 14:6); e que levou Pedro a confessar: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mat. 16:16), deve ser proclamado como o único singularmente equipado para conduzir-nos através do mundo futuro.

Isso deve ser muito bem pronunciado. Exatamente como as Escrituras levam alguém, inevitavelmente, à pessoa de Jesus Cristo, assim toda manifestação do adventismo do sétimo dia deve estar focalizada em atrair indivíduos

ao conhecimento e aceitação de Jesus Cristo como Salvador. Esse deve ser um claro marco nos cenários globais não cristãos, bem como nas áreas cristãs históricas do mundo. Nenhum resquício de adventismo que não tenha Jesus como seu centro e razão de ser deve ter espaço em nossa comunidade.

Mentes abertas. Como um povo, precisamos ter humildade para compreender que não sabemos todas as coisas. Portanto, devemos ter mentes abertas para descobrir, enquanto buscamos melhor e mais clara compreensão da verdade. Isso pode parecer arriscado, mas eu não sei de nenhum outro modo pelo qual possamos ser verdadeiros a nós mesmos e ao que sempre temos afirmado em termos de buscar sabedoria e compreensão.

Nós temos sido aconselhados repetidamente a nos engajarmos nessa busca. Por exemplo: “Deus requer deles [Seu povo verdadeiro] contínuo avanço no conhecimento da verdade, e no caminho da santidade.”¹¹ E, falando sobre o crescimento na verdade, que tem sido o selo da igreja em todos os tempos, Ellen White também escreve: “Mas, à medida que a verdadeira vida espiritual declina, tem sido sempre a tendência cessar o crente de avançar no conhecimento da verdade. As pessoas ficam satisfeitas com a luz já recebida da Palavra de Deus e desistem de qualquer posterior estudo mais profundo das Escrituras.”¹⁴

Honesta e humildemente, devemos garantir que a abertura diante de nós, o espaço de tempo e oportunidades à nossa frente, devem achar correspondente abertura



em nossa mente, à medida que, guiados pelo Espírito, buscamos descobrir por quais caminhos Ele deseja conduzir-nos. Isso tem de ser compreendido como uma instância básica, não obstante os riscos.

As Escrituras Sagradas, acompanhadas da iluminação provida pelos escritos inspirados de Ellen White, nos conservarão seguros no processo dessa descoberta. Tal busca deve nos manter ligados à Palavra de Deus, mas, também, deve esvaziar-nos da atitude que proclama: “descobri tudo!” Estou dizendo, primariamente, que devemos ter uma atitude confiante no Espírito Santo. Estamos nós projetando tal atitude? Eu creio que ela deve ser um marco na estrada que está à frente do povo adventista.

Rejeição do relativismo. A “mente aberta” deve estar acompanhada por uma posição igualmente clara que rejeita comprometer valores escriturísticos. O relativismo pós-moderno inexoravelmente nos empurrará para uma atitude mais comodista e para a apresentação de uma mensagem que apela à maioria. De acordo com esse relativismo, a legitimidade de nossa fé é definida, em considerável medida, por qual nível de conforto ela oferece.

Devemos ser bem claros quando ao fato de que os valores de fé não são nascidos dentro de nós, nem são autenticados por nossa experiência pessoal. Os valores de fé vêm a nós, trazidos à nossa mente pelo Espírito Santo, e Ele, por sua vez, autentica nossa experiência. Jesus Cristo disse a respeito do Espírito Santo: “Ele vos ensinará todas as coisas e vos lembrará de tudo o que vos tenho dito” (João 14:26).

Prioridade missionária. Através do profeta Isaias, Deus falou ao Seu povo de então: “também te dei como luz para os gentios, para seres a Minha salvação até à extremidade da Terra.” Isa. 49:6. Aos Seus seguidores, Cristo disse: “e sereis Minhas testemunhas ... até aos confins da Terra.” Atos 1:8. O movimento adventista é missionário – o povo de Deus sempre tem focalizado a missão – e isso também deve ser um marco bem definido em nossa estrada para o futuro. A missão deve dirigir claramente as decisões em todos os níveis da administração da igreja, nas comissões de instituições e na igreja local.

A missão deve estar no topo da agenda de planejamento e utilização de recursos financeiros. A linguagem da missão

deve se tornar o “dialeto” da igreja. Se a missão não for nosso objetivo primário, então todos os nossos concílios e reuniões em todos os níveis administrativos, tudo será desperdício de tempo.

Sensibilidade ao sofrimento. Outro marco importante para a igreja é nosso engajamento na causa dos pobres, doentes e necessitados. Esse deve ser um valor claramente visível em nossa agenda missionária, porque sem esse engajamento, é quase certo que perderemos nosso rumo. As palavras do Senhor, ao afirmar que “os pobres sempre os tendes convosco” (Mat. 26:11), podem ter soado como uma realidade fria e triste, mas Cristo deixou claro que seremos responsabilizados pelo modo como tratamos aqueles cujas necessidades estão além do que eles podem administrar (Mat. 25:31-46)

Através do trabalho social, a igreja demonstra que missão é mais que palavra teórica; que existe continuidade ou ligação entre tornar a vida melhor para as pessoas e a maneira como as preparamos para a eternidade. O rico significado da palavra hebraica *shalom* [paz, bem, saúde, inteireza, segurança, prosperidade] nos diz alguma coisa sobre o quanto Deus está comprometido em providenciar nosso bem-estar integral.

Aceitação da diversidade. À medida que nossa igreja cresce rapidamente e se espalha através do planeta, em toda cultura, raça e nacionalidade, devemos fazer o melhor no trato com a diversidade humana. Aqueles que partilham a fé em Cristo descobrem que Ele é o grande equalizador de todos os crentes (Gál. 3:26-29). Portanto, isso será um marcador global muito visível, pois tem que ver com o valor do ser humano, bondade, participação e envolvimento. A mistura étnica internacional de nossa igreja bem como o fato de que somos machos e fêmeas devem ser refletidos na confiança mútua demonstrada e na oportunidade da participação de todos. Isso não acontecerá por si, mas requer decisões corretas.

Compromisso com a unidade. Sempre tenho falado sobre unidade da igreja, e não posso completar esta lista sem voltar ao assunto. A unidade da Igreja Adventista do Sétimo Dia, seja espiritual ou estrutural, local ou global, permanece como um marco insuperável. Foi sobre esse elemento que Jesus refletiu, durante as poucas últimas horas que Ele passou com os discípulos, antes

de Se dirigir ao Getsêmani. De algum modo, a unidade de fé que aproxima os crentes está ancorada na unidade que Cristo tem com o Pai (João 17:20-23). É uma unidade ministrada pelo Espírito Santo (Efés. 4).

Uma comunidade espiritual, seja ela uma congregação local ou uma família internacional, que afirma ter uma fé partilhada, mas é dividida por lutas internas, é contraditória. Se escolhermos caminhar separados uns dos outros, em vez de tratar nossas diferenças, perderemos o caminho. Como uma família mundial, não podemos afrouxar em nosso compromisso com a unidade.

Antecipação da vinda de Cristo. Como igreja, vivemos a antecipação da segunda vinda de nosso Senhor, e nossos valores refletem essa realidade. Esse é um marco engravado em nossa identidade. A natureza transitória do mundo, a certeza do retorno de Cristo, a tarefa que nos foi confiada de partilhar essa mensagem, tudo isso deve ser central em nossa pregação e em nosso ensino.

Contudo, esse marco deve ser delineado com algo mais que meras palavras. Viver em antecipação do retorno de Cristo implica mais que assentimento intelectual doutrinário. Ele encontra sua expressão maior em nosso estilo de vida. A confiança de que Cristo nos está preparando um lugar dá sabor ao nosso dia-a-dia e motiva nossas escolhas. Como dizia o apóstolo Pedro, o conhecimento do que está para vir nos ajuda a saber como devemos viver (II Ped. 3:11-17).

Nossa identidade, os valores e a missão que temos como igreja estão intimamente ligados a esse marco. Se o perdermos de vista, correremos perigo.

Isso é o que somos e como devemos entrar no futuro. Enquanto fazemos isso, oro para que confiemos em Deus e uns nos outros. À medida que conservamos firmes os elementos essenciais de nossa identidade, necessitamos conceder uns aos outros a cortesia da confiança, crendo que, sob a direção do Espírito Santo, podemos avançar para o futuro, unidos em fé e missão. ❧

Referências:

- ¹ Ellen G. White, *Testemunhos Para Ministros e Obreiros Evangélicos*, pág. 213.
- ² _____, *Obreiros Evangélicos*, págs. 119 e 120.
- ³ _____, *Testemunhos Para a Igreja*, vol. 1, pág. 345.
- ⁴ _____, *Testemunhos Para a Igreja*, vol. 5, págs. 706 e 707.

Prioridade número um



Rubens A. Mandeli

Estudante de Teologia
no Unasp, Engenheiro
Coelho, SP

*O pastor não se
deve absorver
tanto com
os deveres
exteriores que
negligencie
as instruções
que seus filhos
necessitam*

O ministério pastoral é cheio de desafios, exigindo muito de um pastor. Ele deve desempenhar bem as funções de pregador, conselheiro, dirigente, profeta e pacificador, necessitando dedicar-se inteiramente, para ser bem-sucedido em seu trabalho. Ellen G. White mencionou que, ao exercer o ministério, o pastor deve “suportar desconforto físico e sacrificar a comodidade... O verdadeiro pastor tem o espírito de esquecimento de si mesmo. Perde de vista o próprio eu, a fim de poder praticar as obras de Deus”.¹

Além dos deveres para com a comunidade de fé, o pastor tem uma responsabilidade primária: sua própria família. Por se dedicarem excessivamente às tarefas ministeriais, muitos, infelizmente, acabam deixando de lado a família. Porém, John MacArthur Júnior afirma que “as famílias estão se enfraquecendo em todo o mundo. Assim também um número alarmante de famílias de pastor. Embora se admita que as pressões no ministério contemporâneo sejam enormes... a casa do pastor deve ser prioridade”.²

Com isso em mente, é oportuno relembrar nosso dever para com a família, a fim de que não venhamos a ganhar o mundo para Cristo e negligenciá-la.

Problemas familiares

A relação familiar de um pastor está exposta aos mesmos perigos que ameaçam outras famílias. Anos atrás, uma pesquisa realizada nos Estados Unidos identificou os problemas mais freqüentes na família pastoral. O resultado foi que, dos casais entrevistados, “81% alegaram tempo insuficiente juntos; 71% se referiram ao uso do dinheiro; 70%, ao nível de renda; 64% disseram ter dificuldade na comunicação; 63% reclamaram das expectativas da congregação, 57% apontaram diferenças quanto ao lazer; 53% revelaram ter dificuldades na criação dos filhos, 46% mencionaram problemas sexuais; 41% mencionaram rancor do esposo em relação à esposa; 35% apontaram discordância quanto à carreira pastoral e 25%, discordância quanto à carreira da esposa”.³

Deus espera que Seus ministros conduzam bem a própria casa: “Se alguém aspira ao episcopado, excelente obra almeja. É necessário, portanto, que o bispo seja irreprensível, esposo de uma só mulher, temperante, sóbrio, modesto, hospitaleiro, apto para ensinar; não dado ao vinho, não violento, porém cordato, inimigo de contendas, não avarento, e que governe bem a sua própria casa, criando os filhos sob disciplina com todo o respeito...” I Tím. 3:1-4.

Deveres do pastor

É possível enumerar alguns princípios práticos que podem servir como ajuda preventiva contra dificuldades na família do pastor. Ei-los:

Liderança espiritual. Ellen G. White dedica boa parte de seus escritos aos assuntos familiares, entre os quais está a responsabilidade do homem como cabeça da família. Ela observa que o esposo e pai tem parte importante a desempenhar no lar. “Seu nome é definido como laço de união da família.” Sendo o cabeça da casa, a esposa espera da parte dele manifestações de amor, interesse e ajuda na educação dos filhos. Os filhos



esperam do pai apoio e guia. Deve procurar fazer seu melhor para tornar o lar feliz, sejam quais forem seus cuidados e perplexidades nos negócios. Deve ser o legislador, demonstrando virtudes como energia, integridade, honestidade, paciência, coragem, diligência e prestatividade. Deve ser o sacerdote da família, inspirando em seus filhos elevados princípios, que os capacitam a formar um caráter puro e virtuoso. Sua conduta na vida em família deve ser dirigida pelos princípios da Palavra de Deus.⁴

Idoneidade. De certa forma, o lar do pastor serve de modelo para outras famílias. Portanto, ali se prova a idoneidade para o ministério pastoral. Analisando os versos 4 e 5 de I Timóteo 3, o *Comentário Bíblico Adventista del Séptimo Dia* assinala que, “se um homem fracassa numa tarefa menor, será incapaz de ter sucesso na tarefa maior de supervisionar as muitas famílias que compõem uma congregação ou grupo de igrejas.

“Os filhos do ministro devem demonstrar, por seu comportamento obediente e circunspeção que respeitam seu pai. Os filhos de Eli, o sumo sacerdote, representam um trágico exemplo de amor parterno equivocado e de seu fracasso em governar a família”.⁵

É clara a implicação dessa análise na vida do pastor. Para que seja

bem-sucedido, ele deve presidir bem seu próprio lar.

Cortesia e atenção. Kay Kuzma apresenta doze pontos essenciais que podem ser colocados em prática pelos pastores, a fim de agradar as respectivas esposas: “Sacrifique-se por ela, ouça com atenção o que ela tem a dizer, toque-a, elogie-a e esteja com ela em público, divida com ela as responsabilidades, deixe que ela saiba que você a aprecia, demonstre consideração, seja um pai compreensivo, incentive-a em sua carreira profissional, dedique tempo para estar com ela e seja o guia espiritual da família.”⁶

Um ponto a ser considerado é o relacionamento íntimo. Porém, não somos deixados sem orientação. Um documento oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia aconselha os pastores a dialogar com a esposa sobre romance e relacionamento sexual: “Para satisfação plena, a intimidade deve ser precedida por intimidade mental e espiritual. Se vocês estão suficientemente próximos para praticar intimidades sexuais, deveriam estar próximos para falar sobre o assunto.”⁷ Corroborando esse conceito, Nancy Van Pelt assegura que “prover todo prazer possível à esposa é a resposta natural de um marido amoroso”.⁸

Participação doméstica. É de extrema importância que o pastor compreenda sua participação no dia-a-dia da casa. Conta-se que, em certa ocasião, os vizinhos de Martinho Lutero o viram pendurando fraldas no varal,

e riram dele. E o grande Reformador respondeu; “Que eles riam! Deus e os anjos também sorriem lá no Céu.” É importante que pastor e esposa concordem na distribuição das tarefas domésticas. Ele precisa ser útil nesses afazeres, aliviando os encargos dela.

A participação nos deveres domésticos inclui o cuidado com os filhos. A esposa espera o apoio dele na educação dos pequeninos. Lamentavelmente, o que acontece é que muitos maridos não apreciam os cuidados e perplexidades que suas esposas suportam e deixam nas mãos delas toda a responsabilidade dos filhos. Ellen White questiona então: “Não é de ambos o filho? Não está ele sob a natural obrigação de aceitar sua parte no fardo de criar os filhos?”⁹

Lazer

Momentos especiais devem ser dedicados, constantemente, à família. E. D. Prince valoriza o tempo investido dessa forma. Ele diz que é nesses momentos, em que nos desligamos dos afazeres cotidianos da igreja e dedicamos tempo de qualidade à família, que percebemos quão importante ele é para nossos filhos e esposa.¹⁰

O pastor deve não apenas dedicar tempo à família, mas tempo de qualidade. Não deve estar junto à esposa e dos filhos, pensando nos compromissos que foram deixados à parte. Os filhos carecem de um pai que, quando estiver com eles, seja só deles.

Tenhamos isto sempre em mente: “Os deveres do pastor jazem em torno dele, próximos e distantes; mas seu primeiro dever é para com seus filhos. Ele não se deve absorver tanto com os deveres exteriores que negligencie as instruções que seus filhos necessitam.”¹¹

Referências:

- 1 Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, pág. 184.
- 2 Richard L. Mayhue, citado por John MacArthur Jr., *Redescobrimo o Ministério Pastoral* (Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 1999), pág. 175.
- 3 H. B. London e N. B. Wieseaman, *Pastors at Risk* (Wheaton: Victor Books, 1993), pág. 71.
- 4 Ellen G. White, *O Lar Adventista*, págs. 211-220.
- 5 *Comentário Bíblico Adventista del Séptimo Dia*, vol. 4, pág. 376.
- 6 Kay Kuzma, *Ministério*, março-abril 1990, págs. 13-17.
- 7 *Guia Para Ministros*, 1995, pág. 48.
- 8 Nancy Van Pelt, *Felizes no Amor* (Tatui, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003), pág. 100.
- 9 Ellen G. White, *O Lar Adventista*, págs. 225 e 226.
- 10 D. E. Prince, *Autenticidade ou Hipocrisia?* (São Paulo, SP: Vida Nova, 2001), págs. 116-122.
- 11 Ellen G. White, *O Lar Adventista*, pág. 353.

Causa mortis de Jesus



Jetro Carvalho

Médico cirurgião, ancião da igreja da Barra da Tijuca, Rio de Janeiro

*O Mestre Se
adiantou e não
permitiu que
a crucifixão O
matasse. Ele
morreu na cruz,
mas não pela
cruz*

A morte de Jesus Cristo atrai a atenção do mundo e do Universo. A Bíblia faz dela uma das razões de sua existência. A história daquele sacrifício enche livros e revistas em bibliotecas públicas e particulares. A narrativa da cruz embala nossa mente e nosso coração. Como disse Simeão, está destinada a ser alvo de contradição (Luc. 2:34), fé e descrença, defesa e acusação, aceitação e rejeição. Mesmo em nossa alma, desperta dor e alívio, arranca lágrimas e sorrisos, e nos declara culpados e justificados.

A riqueza de significado da morte de Jesus Cristo tem encantado teólogos de todas as épocas. Os mais belos pensamentos e as mais profundas inquiirições são dedicados ao sacrifício do Cordeiro de Deus. O *por quê* e o *para quê* da cruz continuam a incrementar o ideário de pensadores sacros e seculares. São questões básicas e de longo alcance, e que interessam a todos os cristãos.

Este artigo, porém, tem outro propósito: o de examinar o *como* da morte de Jesus Cristo. Como médico cristão, quero chegar à *causa mortis* – a anátomo-patológica, em lugar da teológica; antes da causa moral, a física. Minha preocupação é médico-legal, não religiosa. Espero que você, caro leitor, tenha isso presente na leitura e análise do texto.

Morte anunciada

Durante todo o Seu ministério, Jesus caminhava para a morte. Vez por outra, Ele mesmo avisou Seus discípulos: “É necessário que o Filho do homem sofra muitas coisas, seja rejeitado pelos anciãos, pelos principais sacerdotes e pelos escribas; seja morto e, no terceiro dia, ressuscite.” Luc. 9:22. Houve algumas tentativas de matá-Lo, antes do Calvário, “mas ninguém Lhe pôs a mão, porque ainda não era chegada a Sua hora” (João 7:30). Jesus Cristo havia marcado a hora de Sua morte, e nada, nem ninguém, a mudaria. Aquele momento estava gravado na profecia (Dan. 9:26 e 27). A predição esperou mais de 500 anos para se cumprir. Quando o tempo chegou, Jesus Se deixou prender. “Manietaram-nO e O conduziram primeiramente a Anás.” João 18:12 e 13.

Digno de nota é o episódio ocorrido no Getsêmani, durante o qual Jesus demonstrou que era e será o Senhor das ações. Diz o texto sagrado que, ao se aproximarem Judas e os guardas, Ele “adiantou-Se e perguntou-lhes: A quem buscais? Responderam-Lhe: A Jesus, o Nazareno. Então Jesus lhes disse: Sou Eu ... Quando, pois, Jesus lhes disse: Sou Eu, recuaram e caíram por terra.” João 18:4-6.

Jesus já havia declarado que não morreria passivamente, à mercê da vontade e determinação dos homens. “Por isso, o Pai Me ama, porque Eu dou a Minha vida para a ressumir. Ninguém a tira de Mim; pelo contrário, Eu espontaneamente a dou. Tenho autoridade para a entregar e também para reavê-la. Este mandato recebi de Meu Pai.” João 10:17 e 18.

Planos frustrados

Em vista disso, o plano dos líderes judeus, de matar Jesus pela crucifixão, foi frus-

trado. Queriam vê-Lo pendurado numa cruz, morrendo lentamente, em meio a excruciantes sofrimentos. Cada respiração exigia um coordenado e doloroso esforço muscular, dos braços e das pernas, para erguer o corpo e expandir a caixa torácica, forçando o ar a entrar nos pulmões.

Não é de admirar que as falas de Cristo tenham sido curtas, enquanto esteve na cruz. Se Lhe quebrassem as pernas, como os líderes judeus sugeriram a Pilatos, o exercício respiratório se tornaria assaz pungente e incompleto, o que ensejaria acúmulo de gás carbônico no sangue, produzindo acidose, torpor, coma e morte. O Mestre Se antecipou a isso, para não perder o domínio dos acontecimentos.

“Chegando-se, porém, a Jesus, como vissem que já estava morto, não Lhe quebraram as pernas.” João 19:33. Tomando a dianteira dos judeus, Ele morreu por volta da hora nona (15h), quando era oferecido o sacrifício da tarde. “Dando um grande brado, expirou.” Mar. 15:37. E nenhum dos Seus ossos foi quebrado, em cumprimento da profecia (João 19:36).

Os soldados ficaram surpresos. Isso eles não esperavam que acontecesse. Um deles, para dirimir qualquer dúvida, “Lhe abriu o lado com uma lança, e logo saiu sangue e água” (João 19:34). Deve ter sido o lado esquerdo. Os glóbulos vermelhos do sangue sedimentaram-se na base da cavidade pleural e, ao

se escoarem pela ferida da lança, foram descritos como sangue. O soro sanguíneo sobrenadou e saiu como água.

Como a crucifixão era um comprovado método de pena de morte, Pedro podia dizer: “vós O matastes, crucificando-O por mãos de iníquos” (Atos 2:23). Como explicar, porém, a surpresa de Pilatos, quando José de Arimatéia lhe pediu o corpo de Jesus (Mar. 15:43 e 49)? A verdade é que Jesus Se adiantou e não permitiu que a crucifixão o matasse. Deduz-se da narrativa joanina que os crucificados não morriam no mesmo dia (João 19:31 e 32). Jesus morreu na cruz, mas não pela cruz. Ele fez da cruz um altar.

Atestado de óbito

“Não foi, porém, a lança atirada, não foi a dor da crucifixão que produziram a morte de Jesus. Aquele grito soltado ‘com grande voz’ (Luc. 23:46) no momento da morte, a corrente de sangue e água que Lhe fluiu do lado, demonstravam que Ele morreu pela ruptura do coração. Partiu-se-Lhe o coração pelo pecado do mundo.” – *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 772.

João 19:34 é a Certidão de Óbito de Jesus, porque expressa, ainda que indiretamente, a *causa mortis*: ruptura do coração. A angústia mental pode lançar, no sangue, muita adrenalina, com o que a pressão arterial se eleva a níveis

intoleráveis. Jesus morreu jovem. Seu coração era normal, sadio, perfeito. Sua atividade física constante produziu-Lhe um coração robusto. Em vista disso, uma crise hipertensiva severa romperia, antes, com maior probabilidade, as delicadas artérias cerebrais, causando hemorragia intracraniana e morte. O coração ficaria incólume. Desse modo, a *causa mortis* foi ruptura do coração, e não acidente vascular cerebral hemorrágico. Como, então, se rompeu o coração de Jesus?

Abramos parêntese e transportemos a ocorrência da morte de Cristo para os nossos dias. José de Arimatéia tira o corpo da cruz e contrata uma funerária, que lhe faz uma exigência: Atestado de Óbito. Nenhum médico aceita a incumbência, pois se trata de morte violenta. O corpo é levado ao Instituto de Medicina Legal para autópsia. João e Maria, presentes, exigem que nenhum osso seja quebrado. Decide-se, então, que será feito um exame de ressonância nuclear magnética. Crânio e abdômen: ausência de sinais de hemorragia. Tórax: imagem sugestiva de sangue na cavidade pleural esquerda e ruptura do coração. O exame revela que o coração tem forma e dimensões normais, e apresenta uma ferida por onde o sangue fluiu para o saco pleural.

“O que ou quem produziu esta ferida?”, indaga o médico legista a si mesmo e aos colegas. Calam-se todos. Não há resposta satisfatória. O Atestado de



Credito: J. Gaird

Óbito é lavrado e declara como *causa mortis* ruptura do coração. Agente causal: ignorado.

Fechemos parêntese e voltemos ao Calvário para que a pergunta do legista seja respondida.

Entrega espontânea

Cristo já havia dito, com todas as letras: “Minha vida ninguém a tira de Mim; pelo contrário, Eu espontaneamente a dou.” Isaías acrescenta: “Por isso Eu Lhe darei muitos como a Sua parte e com os poderosos repartirá Ele o despojo, porquanto derramou a Sua alma na morte.” Isa. 53:12.

A palavra hebraica usada para alma é *nepesh*, que significa, também, vida. Levítico 17:11 e 14 nos ensina que a vida está no sangue – “porquanto é o sangue que fará expiação em virtude da vida”. Podemos ler, então, Isaías dizendo: “derramou o Seu sangue na morte”. O derramamento do Seu sangue seria um ato do próprio Jesus. Nem Pilatos nem os judeus; nem cravos ou lança, nem angústia nem hipertensão derramariam o sangue de Jesus.

Em João 1:14, lemos que “o verbo Se fez carne”. O Verbo, a Palavra que “é mais cortante do que qualquer espada de dos gumes” (Heb. 4:12), se fez Palavra-carne e, na hora predeterminada, no momento exato, ordenou; e Seu coração se rompeu. Quando Jesus clamou, em alta voz: “Está consumado. Pai, nas Tuas mãos entrego o Meu Espírito!”, Seu coração foi cortado por Sua Palavra. “E, inclinando a cabeça, rendeu o espírito” (Luc. 23:46; João 19:30).

Ao descrever Jesus Cristo como Sacerdote e como vítima, Ellen G. White faz o tipo encontrar-se com o Antítipo. Na hora nona, o véu do templo se rasga em dois, de alto a baixo; a mão do sacerdote treme e deixa cair o cutelo; o cordeiro escapa de suas mãos e foge. Na verdade, o sacerdote deixou o cutelo cair nas mãos do Sacerdote-Deus-Homem, pendente de uma cruz, que, de imediato, usando a Palavra como cutelo, imolou o Cordeiro de Deus e o ofereceu sobre o altar – a cruz – em nosso lugar.

Isaías descreve, com a força e a beleza da poesia, o sacrifício de Cristo: “o lugar Eu o pisei sozinho... pisei as uvas na Minha ira; no Meu furor, as esmaguei... porque o dia da vingança Me estava no coração, e o ano dos Meus redimidos é chegado.” Isa. 63:1-6.

Sacerdote e oferta

O papel de Cristo como Sacerdote, na cruz, é fundamental para a compreensão da expiação. O santuário terrestre apontava para Cristo e Ele aceitou o duplo papel de Sacerdote e de Cordeiro, segundo as Escrituras. O cumprimento foi perfeito: “Jesus, porém, tendo oferecido [como Sacerdote], para sempre, um único sacrifício [o Cordeiro] pelos pecados, assentou-Se à destra de Deus.” Heb. 10:12. Qual foi a ação de Caifás e dos judeus, de Pilatos e dos romanos? Foi a de colocar Cristo numa cruz. A cruz cumpriu a profecia e o ritual do santuário. Somente a cruz daria a Cristo a dupla condição de Sacerdote e Cordeiro. Outros tipos de execução (apedrejamento, enforcamento ou decapitação) não o fariam.

“A morte capaz de permitir o cumprimento das Escrituras foi a morte na cruz – um sacrifício auto-infligido”

O ritual do santuário determinava que, depois de imolar o cordeiro no altar, o sacerdote entrasse no santuário com o sangue da oferta, para fazer expiação. Em que lugar morreu o Cordeiro de Deus? Na cruz. Quem O imolou? Teria de ser, obrigatoriamente, um sacerdote. Onde encontrar, na Terra, um sacerdote capaz de oferecer o Cordeiro de Deus? Para oferecer um animal, o sacerdote era um homem. Para oferecer Jesus-Homem, o sacerdote teria de ser Cristo-Deus.

Após ressurgir, que fez o Sacerdote divino? “Jesus recusou receber a homenagem de Seu povo até haver obtido a certeza de ter sido Seu sacrifício aceito pelo Pai. Subiu às cortes celestiais, e ouviu do próprio Deus a afirmação de que Sua expiação pelos pecados dos homens fora ampla, de que por meio

de Seu sangue todos poderiam obter a vida eterna.” – *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 790.

No Santuário Celestial, Jesus Cristo apresentou Seu sangue ao Pai e a expiação em favor do homem foi feita. O ritual foi cumprido.

Nas instruções dadas a Moisés, Deus exigiu que o sangue do sacrifício fosse visível, disponível, para que, por meio dele, fosse feita a expiação. A morte por acidose não cumpriria a exigência, por falta de sangue em espécie e do sacerdote. O mesmo pode ser dito da morte por hemorragia cerebral. Na ruptura espontânea do coração haveria sangue disponível (drenado pela lança), mas a figura do sacerdote estaria ausente. A morte capaz de permitir o cumprimento das Escrituras foi a morte na cruz, transformada em altar – um sacrifício vicário auto-infligido. A cruz deu a Jesus Cristo a oportunidade de ser o Senhor absoluto das ações e de ser Sacerdote e Cordeiro ao mesmo tempo. A lança do soldado abriu caminho para que “o sangue restante fosse derramado à base do altar” (Êxo. 29:12).

Grito de vitória

Os evangelhos descrevem o derradeiro momento da vida de Jesus. Mateus 27:30 diz que Ele clamou com grande voz. Marcos 15:37 fala de um grande brado. Lucas 23:46 revela qual foi o clamor com grande voz: “Pai, nas Tuas mãos entrego o Meu espírito.” E João 19:30 declara que o grande brado foi: “Está consumado!”

Os evangelistas não sugerem um grito de dor. João ficou ao pé da cruz o tempo todo, e transmite a idéia de uma morte sem dor, o que faz pensar numa ferida incisa do coração, produzida por bisturi afiado. Uma ferida contusa, como a produzida por uma ruptura esgarçante, de dentro para fora, seria muito dolorosa.

Seu grande brado: “Está consumado!” foi Seu grito de vitória, de triunfo, que atravessou o espaço infinito e alcançou o trono de Deus, todos os anjos e os habitantes de outros mundos. Eles todos estavam debruçados naquele momento, sobre o Calvário. O inimigo estava vencido; e o homem perdido, arrebatado de suas garras mortais. Por isso, “digno é o Cordeiro que foi morto de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor” (Apc. 5:12). ❧

Segredos do apelo eficaz



Emilio Abdala Dutra

Professor no Seminário Teológico da Faculdade Adventista da Bahia

Princípios e modelos práticos que ajudam pastores e evangelistas na tarefa de atrair pecadores a Cristo

De acordo com J. L. Schuler, a mais importante função da pregação evangelística é estender um chamado eficaz em levar a Cristo pessoas que ainda não se comprometeram com Ele, e aprofundar a experiência espiritual daquelas já comprometidas.¹ Em minha experiência de preparar seminaristas para o evangelismo, tenho observado alguns que têm medo de fazer apelos públicos, outros que têm dúvidas legítimas sobre a necessidade de convidar pessoas a expressarem seu compromisso com Cristo, e outros que simplesmente falham por não saberem como fazê-lo. Isso porque, geralmente, as pessoas são repelidas pelo uso de proposições constrangedoras, práticas de manipulação, desconhecimento da natureza humana e falta de método.

Embora haja pregadores que resistem à idéia de fazer apelos no fim de seus sermões,² podemos apresentar boas razões em favor dessa prática.

Razões bíblicas

Do Gênesis ao apelo final do Espírito em Apocalipse 22:17, a Bíblia está repleta de convites à decisão. Lemos que, após o pecado de Adão e sua tentativa de se esconder (Gên. 3:8), Deus o buscou e chamou, dizendo: “Onde estás?” (v. 9). Somente quando Adão atendeu àquele chamado e saiu para o encontro, Deus pôde vesti-lo com as vestes da justiça provida pelo sangue do sacrifício (Gên. 3:21).³ Continuar escondido significaria permanecer no estado de culpa.

Por sua vez, quando Moisés desceu do monte Sinai, encontrou o povo em situação de idolatria (Êxo. 32:1-6). Erguendo-se no meio do acampamento, ele fez poderoso apelo: “Quem é do Senhor, venha até mim” (v. 26). Somente aqueles que obedeceram e foram à frente receberam a expiação por seus pecados (v. 30). Josué, sucessor de Moisés, apresentou apelo semelhante: “Escolhei hoje a quem sirvais” (Jos. 24:15), assim como Elias, no monte Carmelo (I Reis 18:21). Josias, após descobrir e ensinar o livro da lei (II Reis 23:1-3), Esdras e Neemias (Esd. 10:1-5, 7-12; Neem. 9:1-5 e 38), após o exílio.⁴

Todos os sermões do livro de Atos incluem os elementos da proclamação e do chamado. Três vezes, o Novo Testamento registra o clamor dos ouvintes: “Que faremos?”, após a proclamação (Luc. 3:10; Atos 2:37; 16:31). Cada mensagem evangélica deveria despertar a mesma questão na mente dos ouvintes, e cada apelo eficaz deveria responder a essa pergunta de pessoas sedentas por mais instrução (Luc. 3:11; Atos 2:38; 16:31).

O primeiro discurso de Jesus começou com a proclamação: “O tempo está cumprido e o reino de Deus está próximo”, seguindo-se o apelo “arrependei-vos e crede no evangelho” (Mar. 1:15; Mat. 4:17). Arrependimento e fé foram as duas exigências apresentadas por Jesus, e o mesmo aconteceu com João Batista. Primeiro, ele pregou; depois, exortou: “arrependei-vos” (Mat. 3:1 e 2).

Os sermões evangélicos do livro de Atos exibem o mesmo padrão. Em Atos 3:12-26, por exemplo, Pedro fala a uma multidão junto ao pórtico de Salomão. Depois

de pregar o evangelho, nos versos 12-15, ele apela: “Arrependei-vos, pois, e convertei-vos para serem cancelados os vossos pecados” (v. 19).

Razões lógicas

Os apelos não são apenas uma necessidade bíblica, mas também uma exigência da lógica. Vivemos num tempo de propagandas sutis e criativas que acostumam as pessoas a todo tipo de apelo. Televisão, jornais e revistas veiculam, de muitas maneiras, solicitações para ver e comprar. Vendedores nos pedem que assinemos na linha pontilhada, no fim de seus apelos para venda. As pessoas, naturalmente, esperam que alguém lhes ofereça um convite para estudar a Bíblia ou para tomar posição ao lado de Cristo. O pregador que não faz apelo é como um advogado que apresenta as evidências da inocência de seu cliente, mas falha em pedir aos jurados que lhe dêem um veredito favorável.⁵

Razões psicológicas

O apelo também possui fundamentação psicológica. A emoção e o desejo, uma vez despertados, logo passarão caso não haja uma ação favorável. O provérbio: “bata enquanto o ferro está quente”⁶ se aplica ao convite evangélico. Ellen G. White adverte que “quando pessoas que se acham sob convicção não são levadas a decidir-se o mais cedo possível, há o risco de que essa convicção se desvaneça pouco a pouco”.⁷ À mulher que O tocou e foi curada do fluxo de sangue, Jesus pediu que expressasse publicamente sua fé. Provavelmente, com isso, Ele queria aprofundar a impressão experimentada naquele momento (Luc. 8:43-48).

R. J. Fish faz a seguinte observação sobre a psicologia do apelo: “Alguém disse que impressão sem expressão pode levar à depressão. Pregador buscando uma resposta e falhar em dar oportunidade para um compromisso, pode frustrar aqueles que ouvem o evangelho e aprofundá-los no hábito da procrastinação.”⁸

Por isso, toda energia deveria ser empregada para se obter decisões para Cristo durante o período de uma campanha evangelística. Poucas decisões acontecerão depois da partida do evangelista. A pessoa encarregada de acompanhar os interessados poderá não ser tão efetiva como a campanha em si. Além disso, quando o interessado adia

sua decisão para um tempo supostamente mais favorável, se tornará menos inclinado a fazê-lo.

Razões práticas

Primeiramente, os apelos são historicamente justificáveis. Homens usados por Deus, como Finney, Moody, Sunday e Gipsy Smith, usaram apelos evangelísticos. Falando do movimento de 1843 e 1844, Ellen White menciona que “frequentemente era feito um apelo aos que cressem nas verdades que haviam sido provadas pela Palavra, para que se levantassem, e grande número atendia. Faziam-se orações em favor dos que desejavam auxílio especial.”⁹ A História mostra que o uso de apelos aumenta o número de conversos.

Em segundo lugar, o apelo concede aos que desejam ser salvos oportunidade de buscar ajuda de alguém experiente. As pessoas têm idéias muito confusas a respeito de conversão.¹⁰ Ao se manifestarem publicamente, elas entrarão em contato com alguém que lhes dará ajuda espiritual. Como resultado, serão fornecidas explicações e perguntas serão respondidas pelos conselheiros. Finalmente, pessoas sem Cristo são mais inclinadas a se tornarem cristãs, quando vêem outros tomando decisão pública em favor da verdade. Às vezes, o descrente é tocado, ao ver amigos e familiares se posicionando ao lado de Jesus.

Princípios práticos

No processo e preparo da apresentação de um apelo evangelístico, devem ser considerados os seguintes princípios:

Oração. Busque de Deus inspiração e poder, a fim de que lhe seja concedida, acima de tudo, paixão pelas pessoas. Como afirmou Spurgeon, “um coração ardente sempre terá uma língua ardente”.¹¹ Nesses momentos de oração e reflexão, o coração do pregador deve alcançar o devido preparo. “Se buscardes o Senhor, alijando toda maledicência e todo egoísmo, e perseverardes em oração, o Senhor Se aproximará de vós. O poder do Espírito Santo é que concede eficácia aos vossos esforços e aos vossos apelos. Humilhai-vos perante Deus para que em Sua força possais alcançar-vos à mais elevada norma.”¹²

Ore, também, pelas pessoas sem Cristo que ouvirão a mensagem, para que se tornem predispostas ao chamado final.

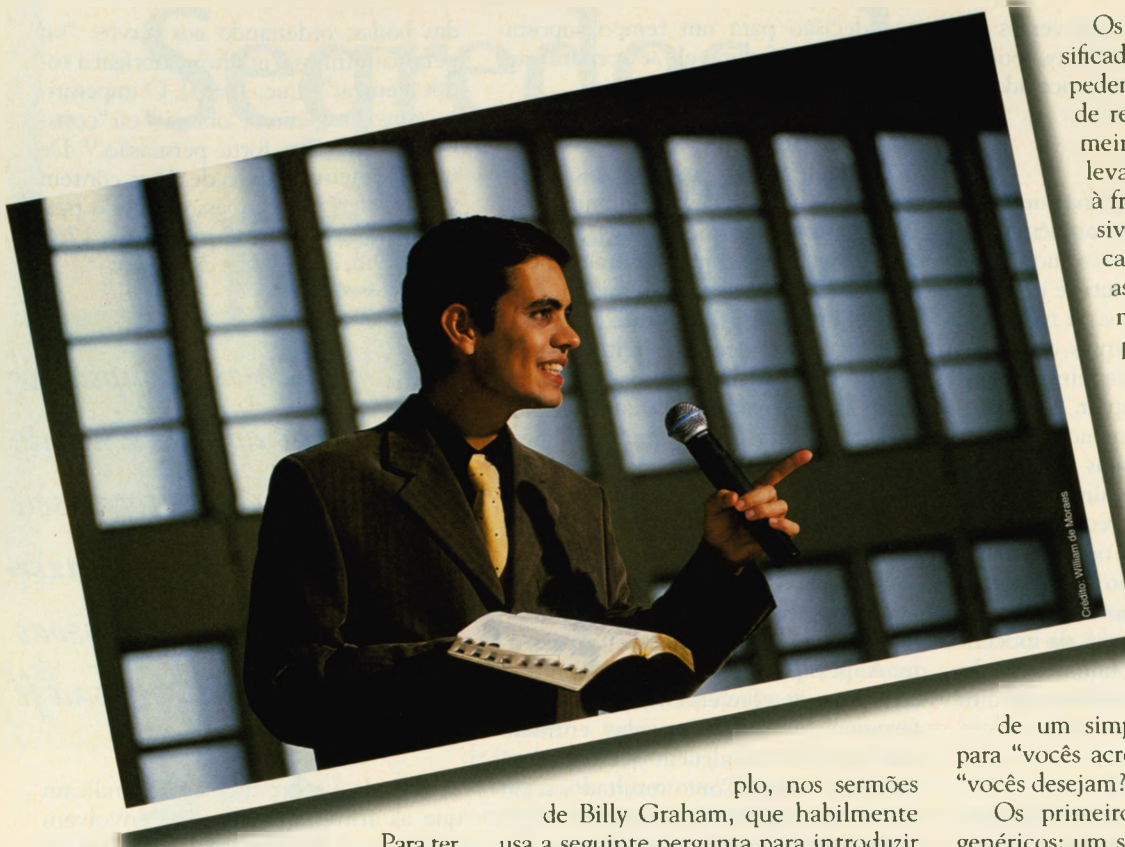
Persuasão. Jesus narrou a parábola

das bodas, ordenando aos servos: “saí pelos caminhos e atalhos e obrigai a todos a entrar” (Luc. 14:23). O imperativo grego *anáγκασον* (“obrigai” ou “constrangei”) sugere forte persuasão.¹³ De igual maneira, o livro de Atos contém várias referências a pessoas sendo persuadidas a crer em Cristo (Atos 17:4; 18:4; 19:8, 26; 28:23 e 24).

“Temos de capturar não apenas a mente do povo, mas tocar seu coração. Temos de fazer as pessoas sentirem sua fé”

Estudos sobre persuasão indicam que as atitudes das pessoas envolvem três áreas: o que pensam, o que sentem e o que planejam fazer. Isso abrange os elementos cognitivo, emotivo e comportamental. Os ouvintes deverão ser trazidos a um ponto em que digam: “posso ser salvo” (mente), “preciso ser salvo” (emoção) e “quero ser salvo” (vontade).¹⁴ Logo, a fim de persuadir homens e mulheres, em primeiro lugar, o sermão precisa apresentar informações lógicas (Isa. 1:18); argumentações sólidas em favor da verdade. O nível de informações providencia oportunidade de acúmulo de fatos necessários para uma decisão inteligente.¹⁵ Discursos floreados, eloquência ou histórias emotivas podem provocar lágrimas e não produzir decisões duradouras.¹⁶

Em segundo lugar, a persuasão eficaz deve apelar para as emoções. Billy Graham afirma: “Algumas pessoas nos acusam de muito emocionalismo. Temos de capturar não apenas a mente do povo, mas tocar seu coração. Temos de fazer as pessoas sentirem sua fé.”¹⁷ E Spurgeon dá o seguinte conselho aos jovens pregadores: “Um pecador tem coração, além de cérebro. O pecador tem emoções, além de pensamentos, e nós temos de apelar a ambos. O pecador nunca se converterá até que suas emoções sejam estimuladas, e sinta tristeza pelos pecados.”¹⁸



Para ter as emoções provocadas, o ouvinte precisa sentir que o pregador está falando diretamente a ele. Dificilmente alguém será persuadido, se sentir que o pregador fala para o vizinho ou para o grupo como um todo. Daí, a necessidade de incluir o uso de vários pronomes pessoais na elaboração do discurso. O uso de uma ilustração apropriada, de música bem apresentada e do correto timbre de voz é, igualmente, importante para esse fim.

Em terceiro lugar, é necessário apresentar o evangelho de tal modo que as pessoas recebam não apenas informação adequada para produzir convicção, mas para estimular o desejo de agir.

Transição

Embora o apelo não deva ser tratado com mero adendo à mensagem, ele é o clímax lógico do sermão evangelístico.¹⁹ Cada mensagem evangelística prospera ou falha, de acordo com a eficácia do apelo. No entanto, alguns pregadores têm dificuldades de se mover do corpo do sermão para o apelo sem quebrar abrupta.

Uma forma eficiente de ligar a mensagem ao apelo, de maneira suave, é fazendo uma pergunta apropriada. Esse padrão pode ser observado, por exem

plo, nos sermões de Billy Graham, que habilmente usa a seguinte pergunta para introduzir o apelo: “Você pergunta: ‘Mas Billy, o que devemos fazer?’” Essa pergunta logo é respondida com instruções práticas, ilustrações e textos bíblicos. Estes são alguns exemplos de perguntas de transição: “Que pensais vós de Cristo?” (Mat. 22:42); “até quando coxeareis entre dois pensamentos?” (I Reis 18:21), ou: “Que devo fazer para ser salvo?” (Atos 16:30).²⁰

O pregador também pode usar uma promessa como transição: “Cheguei ao fim do sermão, mas para você pode ser um novo início.” Deve então explicar, em seguida, como seus ouvintes podem ser novas criaturas em Cristo (II Cor. 5:17), nascer de novo (João 3:3) e receber novo coração (Ezeq. 36:26).

Resposta imediata e resposta adiada

As pessoas são tão dispostas a evitar o desconforto da mudança para uma nova vida, que nada farão a menos que lhes indiquemos o caminho. Talvez, por isso, Ellen White afirme que “em todo discurso deve-se fazer fervoroso apelo ao povo, para que deixem seus pecados e se voltem para Cristo”.²¹ Ela sugere que cada sermão deve terminar com um chamado: “No fim de cada reunião devem ser pedidas decisões.”²²

Os apelos podem ser classificados em dois tipos: os que pedem resposta imediata e os de resposta adiada. No primeiro grupo, se destacam o levantar a mão, o chamado à frente e o apelo progressivo. No contexto de uma campanha evangelística, as primeiras decisões, naturalmente, não são para o batismo, mas para aceitação do tema apresentado. Cada noite, o pregador deve ter uma pergunta na conclusão do sermão, a fim de que a audiência possa facilmente responder “sim”, e tenha fixados os princípios bíblicos em sua mente. Essas perguntas evoluem

de um simples “você gostaram?” para “você acreditam?” e, finalmente, “você desejam?”

Os primeiros apelos deverão ser genéricos; um simples erguer de mãos, por exemplo, a fim de se ter a participação de todos. Com o passar do tempo, quando as pessoas estiverem mais acostumadas com essa forma de expressão, o pregador deve lhes pedir que se levantem. Após o sermão sobre a oração, por exemplo, pode convidar as pessoas a virem à frente, para uma oração especial em favor de seus queridos ou pela libertação de um vício. No dia seguinte, enquanto estiverem prontas para orar, pode sugerir aos que tiverem um pedido especial que ergam as mãos durante a prece. Essas manifestações prepararão gradualmente a audiência para compromissos posteriores.

Ocasionalmente, podemos dizer ao público, já no início da mensagem, que pretendemos fazer um chamado no fim da apresentação, a fim de criar expectativas e disposição para uma resposta favorável. Ao fazermos o apelo, devemos explicar a razão dele. É preciso lembrar que esse procedimento é desconhecido para algumas pessoas. Se for um convite para irem à frente, o pregador deve lhes dizer que esse é um gesto público indicador de uma decisão interna. Esse sinal visível de compromisso interior é semelhante ao casal de noivos que vai à igreja a fim de consolidar publicamente seu compromisso de fidelidade mútua.

Após experimentar diferentes formas de solicitar decisões, tenho percebido a fraqueza do método de apelos progressivos, que envolvem o erguer a mão, levantar-se da cadeira e vir à frente. Pessoas inteligentes que levantam a mão, mas que não têm a intenção de vir à frente, sentem que foram enganadas e manipuladas. Algumas dessas pessoas não teriam erguido a mão, se soubessem que seriam convidadas para ir à frente. Por isso, o melhor é explicar claramente o que se espera que façam e convidá-las à frente.

Raymond H. Woosley sugere que, ocasionalmente, podemos reverter o procedimento: primeiramente, chamar aqueles que são felizes em sua vida cristã. Ao usar essa abordagem, o alvo não são os membros da igreja. Esses atenderão rapidamente. Então, devemos chamar os que se afastaram de Cristo, para que retornem à comunhão da igreja, unindo-se ao primeiro grupo. Por último, devemos apelar aos que nunca expressaram publicamente sua fé, para que também venham.²¹

Os apelos de efeito adiado desafiam os ouvintes a ponderar sobre o conteúdo do evangelho para, então, tomar uma decisão. Aqui, se destacam as reuniões após o sermão com os que se interessaram na mensagem, os cartões de decisão, oferecidos após a pregação, e o apelo para se unirem a classes ou pequenos grupos, para instrução adicional. Embora, nesse caso, haja riscos de estímulo à procrastinação (II Cor. 6:2; Luc. 8:5, 11 e 12), essas abordagens são bem apropriadas para indivíduos tímidos que evitam apelos públicos, e outros que se sentem constrangidos pela atmosfera dramática de alguns apelos.

Um modo criativo de apelar é fazer referência a motivos variados. Eis aqui alguns motivos, incentivos e estímulos para os quais podemos despertar pessoas para tomar importantes decisões:

- ◆ Necessidade de salvação (Mar. 8:36; Atos 2:40).
- ◆ Necessidade de alívio e descanso (Mat. 11:28).
- ◆ Necessidade de investigar a verdade (João 7:17).
- ◆ Apelo à lógica e à razão (Isa. 1:18).
- ◆ Necessidade de influenciar outros (filhos, cônjuge, amigos) para a obediência. Ninguém vive nem morre para si mesmo.
- ◆ Busca do verdadeiro propósito de Deus para a vida.
- ◆ Urgência da necessidade de preparo para a volta de Jesus.

Na elaboração de um apelo a partir do perigo de adiar o preparo para a vinda de Cristo, devem ser considerados os seguintes passos:

1) Encontrar todos os textos relacionados com a importância da entrega imediata (II Cor. 6:2; Heb. 3:7 e 8; Isa. 55:6).

2) Enfatizar as conseqüências do adiamento da decisão, com textos apropriados (Prov. 27:1; 29:1; Gên. 6:3; Heb. 2:3).

3) Fazer o apelo acompanhado de uma ilustração contemporânea, pessoal ou tirada da Bíblia.²⁴

Pós-apelo

Grande parte da força dos apelos realizados tem se perdido, porque as pessoas não recebem a devida assistência posterior. O método de dedicar os momentos seguintes à mensagem e ao apelo para o aconselhamento e exortação foi inicialmente usado pelo apóstolo Paulo em sua campanha realizada em Antioquia (Atos 13:42 e 43), e popularizado por Dwight Moody, no século 19.²⁵

O propósito dessa sessão de aconselhamento é ajudar o interessado a solidificar sua decisão por Cristo e instruí-lo acerca do crescimento cristão. Ellen White escreveu: "Ao terminarem as reuniões, deve-se obter o parecer de cada pessoa sobre o assunto. A cada um deve ser perguntado como pensa encarar essas coisas, e se se propõe fazer delas uma aplicação pessoal. Então, deve-se vigiar e observar se este ou aquele manifesta interesse. Cinco palavras que lhes sejam dirigidas particularmente, farão mais do que haja feito todo o discurso."²⁶

Depois de pedir a cada um que repita silenciosamente uma oração de compromisso, devemos pedir aos que vieram pela primeira vez, ou aos afastados que renovaram sua entrega a Cristo, que se dirijam a uma sala especial ou que permaneçam nos primeiros assentos, a fim de receberem instrução e literatura apropriadas. Podemos dar um cartão para que escrevam o nome e endereço bem como uma cópia do livro *Caminho a Cristo*.

Se o grupo não for muito grande, cada um deverá ter oportunidade de dizer uma palavra de testemunho sobre sua experiência, ou manifestar algum desejo especial por oração ou ajuda. O ideal será ter uma equipe bem treinada de conselheiros que possam manter contato através de chamadas telefônicas, convites para refeições e visitações sistemáticas, por ocasião da qual sejam

transmitidas aos interessados lições específicas para a ocasião.²⁷

A função do pregador não é simplesmente estimular a curiosidade intelectual, ou expor os ensinos da verdade, mas levar homens e mulheres a uma decisão por Cristo e instruí-los nos princípios da Palavra, a fim de que alcancem maturidade cristã. Para isso, ele deve utilizar os métodos de apelo que melhor se adaptem à sua experiência de ministério e personalidade. Contudo, técnicas sem a unção do Espírito são como os ossos secos da visão de Ezequiel. É o Espírito de Deus no coração do pregador que o capacitará a se tornar obreiro eficiente na tarefa de salvação de homens e mulheres. ☪

Referências:

- ¹ J. L. Schuler, *Public Evangelism* (Washington, DC: Review and Herald, 1939), pág. 219.
- ² David Bennett, *The Altar Call: Its Origin and Present Usage* (Lanham, MD: University Press of America, 2000), págs. 248 e 249.
- ³ R. Allan Street, *The Effective Invitation: a Practical Guide for the Pastor* (Grand Rapids, MI: Kregel, 1984), pág. 56.
- ⁴ *Ibidem*, pág. 58.
- ⁵ *Ibidem*, pág. 145.
- ⁶ F. D. Whitesell, *Sixty-five Ways to Give Evangelistic Invitations* (Grand Rapids, MI: Kregel, 1984), pág. 17.
- ⁷ Ellen G. White, *Evangelismo*, pág. 298.
- ⁸ R. J. Fish, *Giving a Good Invitation*, citado por Mark Finley, *Persuasion: How to Help People Decide for Jesus* (Silver Springs, MD: Associação Ministerial da AG, 1994), pág. 71.
- ⁹ Ellen G. White, *Op. Cit.*, pág. 284.
- ¹⁰ *Ibidem*, pág. 286.
- ¹¹ Charles H. Spurgeon, *Lectures to my Students* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1977), pág. 94.
- ¹² Ellen G. White, *Op. Cit.*, pág. 285.
- ¹³ F. D. Whitesell, *Op. Cit.*, pág. 14.
- ¹⁴ Emory A. Griffin, *The Mind Changers: the Art of Christian Persuasion* (Wheaton, IL: Tyndale House Publishers, 1976), pág. 15.
- ¹⁵ Mark Finley, *Op. Cit.*, pág. 18.
- ¹⁶ Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, págs. 149 e 150.
- ¹⁷ Billy Graham, *Billy Graham Speaks* (New York: Roset&Dunlip, 1968), pág. 110.
- ¹⁸ Charles H. Spurgeon, *The Soul Winner* (Grand Rapids: 1963), pág. 126.
- ¹⁹ Louis R. Torres, *Gaining Decisions for Christ* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2001), pág. 77.
- ²⁰ R. Allan Street, *Op. Cit.*, págs. 154 e 155.
- ²¹ Ellen G. White, *Evangelismo*, pág. 280.
- ²² *Ibidem*, pág. 281.
- ²³ Raymond H. Woosley, *Evangelism Handbook* (Washington, DC: Review and Herald, 1972), pág. 237.
- ²⁴ R. Allan Street, *Op. Cit.*, pág. 162.
- ²⁵ Leighton Ford, *The Christian Persuader* (New York: Harper&Row), pág. 128.
- ²⁶ Ellen G. White, *Evangelismo*, pág. 285.
- ²⁷ Ricardo Norton, *La Persuasión Cristiana: el Arte de Gañar Almas* (Berrien Springs, MI: Kerigma, 2001), pág. 102.

Também já fui viciado



Mihail Baciu

Pastor adventista em
Wisconsin, Estados
Unidos

*Nem alcoolismo,
nem tabagismo,
nem pornografia.
Há outro tipo de
vício que também
pode destruir a
vocação pastoral*

Acabo de fazer uma triste descoberta: eu era viciado em querer elogios e afirmação. Passados mais de vinte anos de pastorado, descobri que o bem-estar de minha alma, meu conforto interior e minha satisfação profissional dependiam das reações que as pessoas demonstravam para comigo. Necessitava de constantes gestos de afirmação da parte dos membros de minhas igrejas. Precisava muito disso. Tinha de ouvir palavras como: “Muito obrigado, pastor, você fez um grande sermão”; ou “você é o melhor pastor que já tivemos”.

Acaso, gostar de ouvir um pouco de encorajamento é vício? Não. Porém, o fato é que eu necessitava desesperadamente de apreciação e elogios, como um adicto necessita da droga. Vivía esperando por isso, assim como esperamos a sobremesa depois da refeição. Se nada acontecesse, alguma coisa estava errada. E, enquanto voltava para casa, eu começava a pensar na qualidade do sermão, na relevância da mensagem, e assim por diante, até entrar em pânico.

Durante as visitas pastorais, eu precisava ouvir das pessoas que eu visitava: “Nunca tivemos um pastor tão bom como você. Nenhum, antes de você, trabalhou tanto”; ou “nenhum pastor me visitou antes. Você é o primeiro que veio à minha casa orar comigo e por mim.” Se ouvisse coisas assim, eu me sentia herói; caso contrário, me sentia desesperado, fracassado. Sentia-me bem quando alguém me apreciava, especialmente quando era comparado e colocado acima de outros pastores. Voltava feliz para casa, e meu sono era povoado de doces sonhos.

Outro aspecto de meu relacionamento com as pessoas era evidenciado quando alguém me ignorava, desprezava ou fofocava a meu respeito. Sentia-me ferido, deprimido, e meu sono ficava agitado e cheio de pesadelos. Pouco a pouco, fui permitindo que pessoas ou situações assumissem o controle de meus sentimentos e pensamentos. E construí uma filosofia de vida dependente da atitude delas em relação a mim. Eu as amava, apenas para conquistar seu amor e apreciação. Coloquei-me no centro da adoração, tomando o lugar de Cristo. Procurava reservar para mim o melhor lugar na aceitação e atenção.

Todos aqueles que não alimentassem meu vício de apreciação e louvor passavam a ser considerados pecadores necessitados de arrependimento. Demonstrando muito interesse em sua vida espiritual, no sábado seguinte, eu pregava um sermão sobre arrependimento. Quando situações e pessoas não alimentavam meu vício, eu passava a me considerar vítima do meu próprio sistema de pensar e agir.

Eu trabalhava muito. De manhã à noite, visitava pessoas em hospitais e nas casas; assistia a reuniões de oração e comissões, tudo isso para ser alvo de louvores e palavras de apreciação. Eu precisava disso. Também esperava que os líderes da Associação me elogiassem. Ai de mim, se isso não acontecesse. Eu perdia o sono.

Nancy Groom escreve: “Se você é um codependente, você agrada outras pessoas por que acredita que ninguém deseja estar ao seu lado, a menos que você o sirva. Você sente que deve conquistar o amor das pessoas em detrimento de suas próprias necessidades, porque também sente que não vale o bastante para merecer a satisfação delas.”¹¹ Acaso, já sentiu algo parecido? Se sua resposta for afirmativa, você também é viciado.

Busca de soluções

Se você não fizer todo esforço para gerenciar sua vida, seus sentimentos e ministério, de acordo com o plano de Deus para o ser humano, nunca será feliz. Usará sempre uma máscara, tentando minimizar toda desconsideração. É como cobrir o lixo com o tapete, fingindo que tudo está em ordem.

O rei Acabe foi exemplo de uma pessoa que não soube como administrar a própria vida de acordo com princípios saudáveis. Quando a compra de uma vinha não deu certo, ele se recusou a comer e dormir (I Reis 21:4), agindo como a criança que não consegue ter o brinquedo predileto. Acabe necessitou que alguém interferisse para resolver o problema, valendo-se da mentira e de um crime. Por quê? Porque ele era viciado em sucesso e aceitação.

Que podemos dizer a respeito de Jesus? Passou Ele alguma noite em claro, porque alguém não aceitava Seu trabalho ou porque dois discípulos O traíram? Acaso, exasperou-Se porque Seu povo, pelo qual Ele deu a vida, O crucificou? Lembra-se de quando Seus discípulos voltaram de uma missão, com o coração cheio de alegria por causa do sucesso alcançado? Diz o texto bíblico: “Então, regressaram os setenta, possuídos de alegria, dizendo: Senhor, os próprios demônios se nos submetem pelo Teu nome! Mas Ele lhes disse: ... alegrai-vos, não porque os espíritos se vos submetem, e sim porque o vosso nome está arrolado nos Céus.” Luc. 10:17-20.

Se minha felicidade depende do meu sucesso pastoral, da aceitação das pessoas na igreja, isso é vício. Embora a apreciação seja uma necessidade humana fundamental, a questão é: como me sinto quando não sou apreciado?

Jesus conhecia Sua identidade e missão. Ele veio do Pai, e sabia que veio “buscar e salvar o perdido” (Luc. 19:10). Se você está consciente de sua missão como pastor, se reconhece o valor dos talentos recebidos de Deus, para servi-Lo melhor e à Sua igreja, por que deveria orientar o radar de seu coração para o louvor e apreciação da parte de outras pessoas? Por que não deixar que Cristo ilumine sua alma com a presença dEle? Isso só acontecerá em nosso trabalho, quando O colocarmos no centro dos elogios, reconhecimento e aceitação. Apenas quando os altares que construímos para nós mesmos forem removidos e esmigalhados (II Reis 23:12).

Havia mais um aspecto em meu vício emocional: a fim de que pudesse ser considerado um pastor bom e eficiente, eu precisava estar disponível para a igreja 24 horas, sete dias por semana. Justamente como me falara um líder da Associação, no início do meu ministério. Seguindo ele, eu deveria ser tudo na igreja: “pastor, construtor, zelador, cozeiro, motorista, exceto parteira; mas, numa emergência, também poderia ser”. Minhas necessidades pessoais – repouso, saúde, recreação, comunhão – deveriam ser postas em um plano secundário, pois eu sou pastor. As necessidades de minha família – tempo para brincar com os filhos, caminhar em um parque com minha esposa – também eram secundárias. “O trabalho de Deus deve estar em primeiro e último lugar em sua vida”, me foi dito. Infelizmente, e para meu prejuízo, acreditei.

“Em Cristo, há tudo quanto possa inspirar esperança, fé e ânimo”

O caminho da eficiência

Qual é o segredo da eficiência e satisfação no pastorado? Aprendi uma lição: Não tema as opiniões que as pessoas têm sobre você e não espere o louvor delas. Diz a Bíblia: “Quem teme ao homem arma ciladas, mas o que confia no Senhor está seguro.” Prov. 29:25. A avaliação de Deus é o que importa.

Talvez, algumas vezes, você pense: “Eles estão agindo assim comigo porque mereço. Cometi erros e, agora, sua atitude é a consequência desses erros.” Nada existe pior que isso. A solução para nossos erros não é sofrer passivamente as consequências, mas confiar nas promessas de Deus. Acima de tudo, nenhum membro da igreja tem o direito de nos castigar por causa dos nossos erros. Acha você que sentimentos desempenham importante papel no processo da felicidade e satisfação profissional? Tem medo de falhas, das pessoas, ou da disciplina?

Certamente, estas palavras de Ellen White podem ajudar: “A pessoa que ama a Deus, ergue-se acima da névoa da dúvida; alcança uma experiência brilhante, ampla, profunda, viva e torna-se mansa e semelhante a Cristo. Sua vida é entregue a Deus, escondida com Cristo em Deus. Ela estará capacitada a suportar o teste do desdém, do abuso e do desprezo, porque o seu Salvador sofreu tudo isso. Não se tornará irritável e desanimada quando as dificuldades a afligirem, porque Jesus não falhou nem Se desencorajou. Todo verdadeiro cristão será forte, não na força e mérito de suas boas obras, mas na justiça de Cristo, que pela fé lhe é imputada.”²

“Muitos cometem em sua vida religiosa um erro sério, por manterem a atenção fixa nos sentimentos próprios, julgando assim seu progresso ou declínio. Os sentimentos não são critério seguro. Não devemos olhar para nosso interior em busca de prova de nossa aceitação para com Deus. Aí nada encontraremos senão para nos desanimar. Nossa única esperança está em olhar a ‘Jesus, Autor e Consumador da fé’. Heb. 12:2. NEle há tudo quanto possa inspirar esperança, fé e ânimo. Ele é nossa justiça, nossa consolação e regozijo.”³

Também somos lembrados de que Jesus deve ser o centro de nossa atenção: “Confiai no Senhor. Não vos deixeis deprimir pelos sentimentos, pelos discursos ou pela atitude de algum instrumento humano. Sede cuidadosos, para que por palavras ou atos não deis aos outros qualquer oportunidade de obter a vantagem de prejudicar-vos. Continuai a olhar para Jesus. Ele é a vossa força. Contemplando a Jesus sereis transformados à Sua semelhança. Ele será a saúde de vosso semblante e o vosso Deus.”⁴

Evidentemente, como seres humanos, todos nós gostamos de receber alguma afirmação. Nada há de errado nisso. Apenas quando a requeremos e demonstramos que precisamos tê-la, é que revelamos possuir algum grau de adicção, que poderá levar nosso ministério à ruína, caso não superemos o problema no nome e no poder de Cristo Jesus. ❧

Referências:

- ¹ Nancy Groom, *From Bondage to Bonding: Escaping Codependency, Embracing Biblical Love* (Colorado Springs, CO: Navpress, 1992), pág. 95.
- ² Ellen G. White, *A Maravilhosa Graça de Deus* (Meditações Matinais, 1974), pág. 107.
- ³ *Ibidem*, pág. 183.
- ⁴ Ellen G. White, *Este Dia Com Deus* (Meditações Matinais, 1980), pág. 243.

Para pensar

"É hora de nos envolvermos com a obra de fazer discípulos. Já fizemos 'membros' por tempo demais. Agora, precisamos ir e fazer discípulos – pessoas que entraram para um compromisso radical de fazerem de Jesus Cristo, o máximo, o supremo, e único Senhor de sua vida."
– Russell Burrill

"Quando não ocorre crescimento, a culpa não é da comissão de Deus. É da omissão das pessoas. Sempre que o organismo vivo, a igreja, não estiver sadio e crescendo, é porque as pessoas falharam em seguir o Mestre. Esqueceram-se de seguir a vontade do Mestre. O crescimento da igreja ocorre quando o povo de Deus se afasta da omissão e segue a comissão de Deus." – Kent Hunter

"Um sermão é mais que um discurso acerca de Deus, e mais que o desenvolvimento de algum pensamento teológico; é o fluir de uma vida. 'Leva-se vinte anos para fazer um sermão', disse E. M. Bounds, 'porque leva vinte anos para fazer um homem.' O pregador não fala meramente de Deus: fala por Deus. Não possui apenas uma mensagem, mas é possuído pela mensagem. E até o ponto em que a verdade seja reproduzida na vida do pregador, até aí o sermão será um poder. É a mensagem possuindo o homem que o torna dinâmico. Ele, então, se torna uma testemunha viva, pois sua personalidade desaparece na virtude do Todo-poderoso." – Roy Allan Anderson

"A prioridade de fazer discípulos será vista no orçamento, no tempo do pastor e no tempo dos membros. Se for para ser a igreja, deve ser a igreja de Cristo. E se for a igreja de Cristo, deve ser para todas as pessoas. Então, leva dentro de si uma paixão pelos que são de fora. A questão não é quão aconchegante 'nossa' comunidade está, mas quão bem estamos cumprindo a missão para a qual fomos chamados."
– C. Wayne Zunkel

"O pregador assemelha-se ao horticultor, e os sermões são como as rosas. O homem que quer produzir lindas rosas deve dar atenção às condições sob as quais nascem belas rosas. O homem preenche as condições e Deus produz as rosas. O homem que se lança entusiasticamente à produção de seus sermões, determinado a dedicar suas forças e seu tempo ao processo de construção do sermão, é um homem que certamente fracassará, porque começando errado. No sentido mais amplo, somente Deus faz sermões, e o que o homem deve fazer é trabalhar incessantemente no solo. O homem que conservar sua alma fertilizada e dócil, nunca se encontrará sem um sermão."
– Charles Edward Jefferson

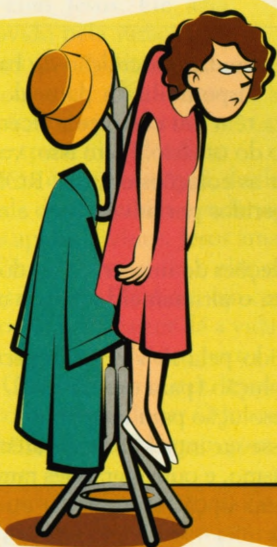
"Há irmãos no ministério cujo sermão é intolerável: ou nos suscitam a ira ou então nos fazem dormir. Não há cloreto anídrico que jamais se compare a alguns discursos nas propriedades soporíficas. Nenhum ser humano, a não ser que seja dotado de infinita paciência, poderia suportar ouvi-los por muito tempo, e bem faz a natureza em dar às vítimas a libertação pelo sono. ... Se alguns homens fossem sentenciados a ouvir seus próprios sermões, seria isso um justo julgamento para eles, e logo clamariam como Caím: 'É tamanho o meu castigo, que já não posso suportá-lo'." – Charles H. Spurgeon

"O trabalho do obreiro cristão não é coisa leve nem sem importância. Ele tem uma alta vocação, a qual tem de modelar e dar cor a toda a sua vida futura. Aquele que se dedica a uma obra tão sagrada, deve empenhar todas as energias em sua realização. Deve pôr alto o alvo; ele não conseguirá nunca uma norma superior à que se propuser atingir. Não pode difundir luz, a menos que a tenha primeiramente recebido ele próprio." – Ellen G. White

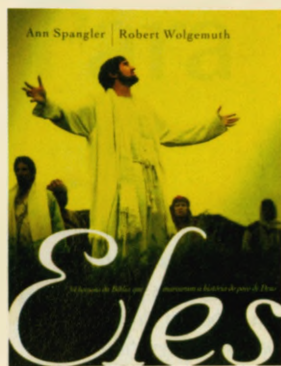
"A ovelha que se desgarrou do redil é a mais impotente de todas as criaturas. Ela deve ser procurada, pois não pode encontrar o caminho para voltar. Assim acontece com a alma que tem vagueado longe de Deus; acha-se tão impotente como a ovelha perdida e, a não ser que o amor divino a venha salvar, não poderá nunca encontrar o caminho para Deus. Portanto, com que compaixão, com que sentimento, com que persistência deve o subpastor buscar almas perdidas! Quão voluntariamente deveria ele abnegar-se, sofrer fadigas e privações!"
– Ellen G. White

"Há necessidade de pastores que, sob a direção do Sumo Pastor, busquem os perdidos e extraviados. Isto significa suportar desconforto físico e sacrificar a comodidade. Significa uma terna solicitude pelos que erram, uma compaixão e paciência divinas. Significa ouvir com simpatia relatos de erros, de degradações, de desespero e miséria.

"O verdadeiro pastor tem o espírito de esquecimento de si mesmo. Perde de vista o próprio eu, a fim de poder praticar as obras de Deus. Mediante a pregação da palavra e o ministério pessoal nos lares do povo, aprende a conhecer-lhes as necessidades, as dores, as provações; e, cooperando com Aquele que sabe, por excelência, levar cuidados sobre Si, partilha de suas aflições, conforta-os nos infortúnios, alivia-lhes a fome d'alma, e conquista-lhes o coração para Deus. Nesta obra o pastor é assistido pelos anjos celestes, e ele próprio é instruído e iluminado na verdade que torna sábio para a salvação."
– Ellen G. White



Ora, querida, não sei de onde você tirou a idéia de que sempre a coloco de lado.



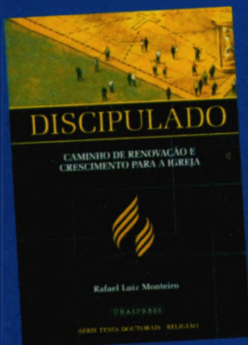
ELES

Ann Spangler e Robert Wolgemuth, Editora Mundo Cristão, São Paulo, SP, 431 páginas; tel. (11) 5608-1700; www.mundocristao.com.br

Este livro examina a vida de 54 homens, inclusive o Senhor Jesus Cristo, cuja trajetória foi registrada nas Escrituras Sagradas. Oferece um painel sobre o perfil de cada um, o contexto histórico e religioso do qual participaram, sua contribuição para a cultura judaico-cristã, seu legado espiritual e a oração que seu exemplo inspira nos dias de hoje.

DISCIPULADO

Rafael Luiz Monteiro, Unaspress, Engenheiro Coelho, SP, 305 páginas; tel. : (19) 3858-9055; www.unaspress.unasp.edu.br



Esta obra propõe a evangelistas, pastores e missionários um estudo dos textos da grande comissão como o primeiro e mais importante passo para reduzir os índices de apostasia registrados após grandes esforços evangelísticos. O autor destaca o conceito e a prática do discipulado como o caminho para o crescimento saudável da igreja.

A INERRÂNCIA DA BÍBLIA

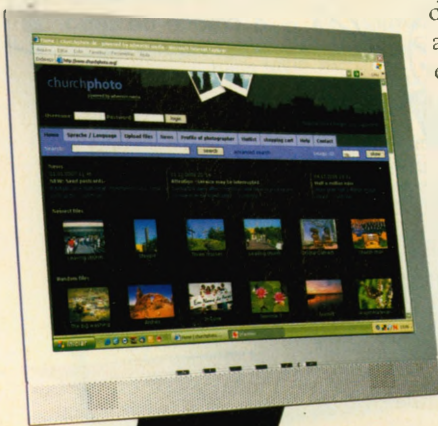
Norman Geisler (organizador), Editora Vida, São Paulo, SP, 554 páginas; telefax: (11) 6096-6814; www.editoravida.com.br



Catorze teólogos participaram da elaboração deste livro, organizado pelo Professor Norman Geisler. Nesta obra, eles apresentam uma sólida defesa da infalibilidade das Escrituras Sagradas. *A Inerrância da Bíblia* apresenta aos líderes um apelo contundente para se manterem fiéis à posição histórica do cristianismo, que reafirma a importância crucial dessa doutrina para a igreja. Leitura indispensável para seminaristas, pastores, líderes, professores de teologia e todos os interessados em conhecer profundamente a Palavra de Deus.

VEJA NA INTERNET Bancos de imagens

A utilização crescente das apresentações (*PowerPoint*) nas igrejas tem estimulado a criação de bancos de imagens especializados em fotos e cliparts com temas religiosos. Muitos desses *sites* disponibilizam parte do seu acervo para *download* grátis, mas é claro que as melhores figuras e em resolução mais alta têm um custo pela licença de uso. Além disso, todos pedem um cadastramento do usuário. Feito isso, você pode escolher as imagens para *download* ou adquirir as coleções em CD-ROMs. Os primeiros dois *sites* mencionados a seguir são geridos por adventistas e os outros dois são apenas evangélicos.

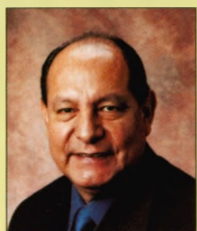


www.goodsalt.com – oferece coleções de imagens e fundos para apresentações em *PowerPoint*, além de *cliparts*, e ultimamente passou a vender também capas para boletins de igreja.

www.churchphoto.org – mantido pela *A Voz da Profecia* da Alemanha, oferece ótimas fotos, em baixa resolução (para uso na *web*), ou média resolução (para apresentações) ou alta resolução para imprimir.

www.worldreligious.co.uk – esse *site* inglês abrange, além do cristianismo, também budismo, islamismo, judaísmo, e outros grandes ramos religiosos.

www.crossdaily.com – mais uma opção para baixar ou adquirir imagens religiosas. – Márcio Dias Guarda



Alejandro Bullón

Secretário ministerial da
Divisão Sul-Americana

Quem sou eu?

Já é noite em Tucumán, Argentina. Acabo de chegar ao hotel. Meus bolsos estão cheios de bilhetes com pedidos de oração. Leio todos e me ajoelho para orar pelas pessoas que escreveram esses bilhetes. Cada ser humano é um universo em si. Cada bilhete retrata um drama. São casamentos à beira do colapso, filhos viciados e fora da igreja, pessoas escravizadas que clamam por libertação, gente que sofre, sonha e deseja um mundo melhor.

Às vezes, gostaria de ter um poder especial para resolver todos esses problemas; no entanto, reconheço que sou apenas um ser humano. Outras vezes, gostaria de ter a capacidade de orar por essas pessoas e depois esquecer as terríveis lutas que elas enfrentam. Porém, deitado, tentando conciliar o sono, me descubro humano demais; sentimental, quem sabe, extremamente sensível, não sei. Só sei que sofro com a dor alheia e com a impossibilidade de fazer algo para aliviar a dor dessas pessoas.

Por que escrevo tudo isso? Porque quero escrever “de coração a coração”; não apenas com a cabeça. Quero falar com todo o meu sentimento e tocar o seu. Afinal de contas, nós seres humanos, embora racionais, fazemos as grandes decisões movidos pela emoção. São os sentimentos que dão vida aos pensamentos.

Assim era com Jesus. Ele agia não apenas movido pela razão, mas também pela emoção. Muitas vezes, chorou, como naquele dia diante da tumba de Lázaro, ao perceber a dor que a morte traz à vida dos Seus filhos, ou como na ocasião em que, desde o monte, contemplou a cidade de Jerusalém condenada por causa de sua rejeição aos apelos divinos. Jesus amava aquelas pessoas. Veio do Céu para buscá-las e elas não se deixavam encontrar. Apesar disso, Ele disse, em certa ocasião: “Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a vida pelas ovelhas.” João 10:10. Os dois verbos desse texto – ser e dar – me impressionam. O fato de ser pastor, levou o Senhor a dar a Sua vida. A consciência do ser O levou ao sacrifício, à renúncia e à entrega total. Morreu, para salvar a ovelha extraviada.

Jesus nunca perdeu a consciência do ser. Ele era um pastor e sabia qual era Sua missão para com as ovelhas. Sentia compaixão por elas. Não era dó. Era empatia.

Colocava-Se no lugar delas. Tornara-Se humano para que a criatura nunca tivesse o argumento de que, por ser Deus, Jesus não poderia entendê-la.

Os inúmeros pedidos de oração que recebemos todos os dias são um desafio para nós. Há muitas ovelhas feridas à nossa volta. São feridas que não se vêem, mas que sangram por dentro. São corações aflitos, gente que não sabe o que fazer nem para onde ir. Cada vez que você se levanta no púlpito, cumprimenta pessoas ou faz uma visita, precisa olhar além do rosto e ver a ovelha ferida procurando um pastor. Nos dias de Cristo, os pastores tinham perdido a consciência do ser. Por isso, Ele via as multidões como ovelhas sem pastor.

Pessoalmente, sinto-me pequeno diante desse desafio. Volta e meia reconheço as limitações humanas que me trazem a tentação de perder a consciência do ser. E, se eu não sou, então não estarei pronto a me doar. A dívida é consequência do ser. O pastor entrega a vida porque é pastor.

Em João 10:15, Jesus nos apresenta a receita de Seu ministério compassivo: “Assim como o Pai Me conhece a Mim, e Eu conheço o Pai; e dou a Minha vida pelas ovelhas.” Aqui é acrescentado mais um verbo primordial no pastorado de êxito: conhecer. A consciência do ser é resultado da experiência de conhecer. Conhecer quem? O grande Eu Sou, o Pai. NEle se dissipam todas as dúvidas, ambigüidades e confusões relativas ao ser. Só conhecendo-O,

terei consciência de quem sou; e, somente sendo, poderei desenvolver um ministério de serviço.

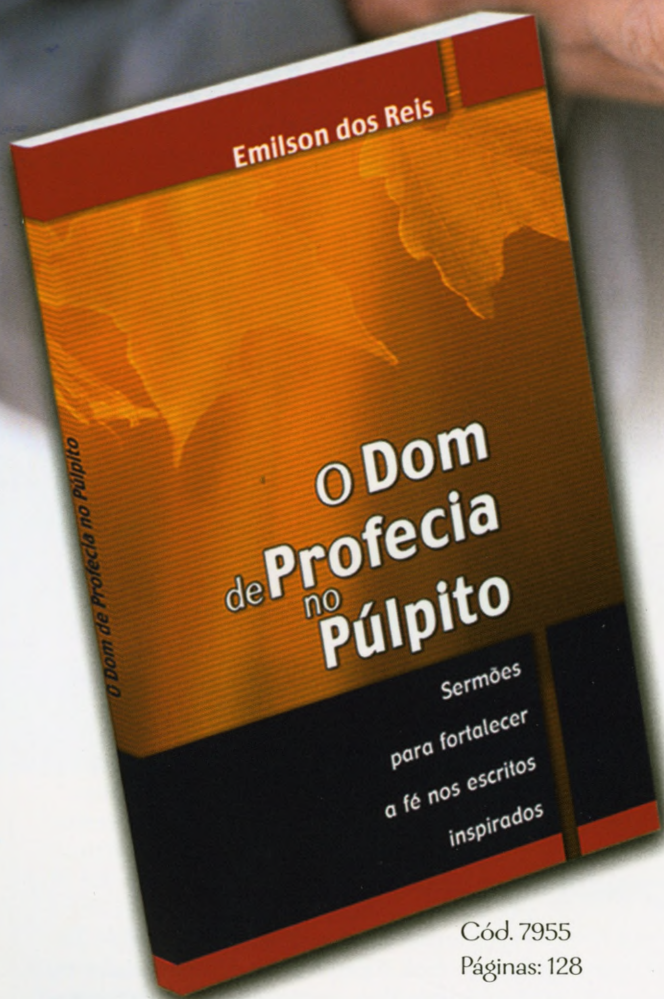
Quem sou eu? Um promotor? Administrador? Evangelista, construtor, líder ou pastor? A consciência do ser é a resposta, e conhecer Jesus é a fonte dessa resposta.

Longe de Jesus é impossível saber quem somos. Nunca saberei quem realmente sou, se não buscar todos os dias a Jesus. Ele é o princípio, o meio e o fim de um ministério eficiente. Ele é a fonte do amor e da misericórdia. Sem Jesus, não há vida. Nada germina, nada cresce, nem floresce, muito menos frutifica.

Quem é você? Quem sou eu? Quem somos nós? Jesus é a resposta. Nossa proximidade de Sua graça cria em nós a consciência do ser. ❧

“A dívida é
consequência do ser.
O pastor dá a vida
porque é pastor”

Dois livros que não podem faltar na sua biblioteca



Cód. 7955
Páginas: 128

Uma série de 9 sermões que têm como objetivo dar uma clara compreensão do valor do dom profético para a igreja, através de Ellen White. Um livro que fortalece a nossa fé nos escritos inspirados.



Cód. 8703
Páginas: 176

Este livro é um apelo enraizado na experiência inicial do cristianismo e do adventismo para transformar os pequenos grupos no princípio organizador da igreja.

Adquira hoje mesmo!



Ligue
0800-9790606*

Acesse
www.cpb.com.br

Faça seu pedido no
SELS de sua Associação

Ou dirija-se a uma das
Lojas **CASA EDIÇÕES**

*Horários de atendimento: Segunda a quinta, das 8h às 20h30 / Sexta, das 8h às 16h / Domingo, das 8h às 14h.